

RACISMO
E CAPACITISMO

EVIDÊNCIAS
CIENTÍFICAS

PESQUISAS DE AUTISMO
NO BRASIL

REVISTA AUTISMO

ANO VI - Nº 10 - SET/OUT/NOV 2020

Fé no Espectro

ISSN 2596-0539



00010

9 772596 11 053005

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando **www.tismoo.me**



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano VI — número 10

Setembro de 2020

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 5 mil exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Carla Bertim, Diego Lomac, Fátima de Kwant, Haydée Freire Jacques, Leo Akira, Lucas Ksenhuk, Lucelmo Lacerda, Luciana Viegas Caetano, Maria Gabriela Bandeira, Marcelo Vitoriano, Mauricio de Sousa, Meca Andrade, Nicolas Brito Sales, Otávio Crosara, Paulo Liberalesso, Tiago Abreu, Victor Mendonça, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Grupo Método, Clínica Somar e Instituto UniTEA.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi

Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Redação: redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas: assine.RevistaAutismo.com.br

Site: RevistaAutismo.com.br

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo

Editado por: PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - s.74-A, Consolação

São Paulo (SP), CEP 01415-000

CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

EDITORIAL

Fazer uma reportagem sobre religião e autismo é, sem dúvida, um desafio que muitos recusariam. Não só pela complexidade, mas também pela controvérsia do tema. Mas os dedicados jornalistas Tiago Abreu e Victor Mendonça não se deram por satisfeitos até conduzir essa empreitada até o fim. Aqui, nesta edição, você os lê e, no podcast Introvertendo, os ouve — são duas versões da reportagem, em texto e áudio.

Mesmo com a limitação de fazê-lo num espaço restrito, com vistas a não escreverem um verdadeiro livro sobre o assunto, ambos conseguiram sintetizar muitos aspectos importantes da fé no espectro, desde abordar diversas religiões diferentes, como o ateísmo e também projetos sociais oriundos de instituições religiosas em benefício dos autistas. Há muito a dizer ainda, claro. Sem dúvida voltaremos ao tema.

Outro conteúdo que merece destaque nesta edição é o artigo da professora Luciana Viegas Caetano — como ela mesma se define: “negra, mãe de um menino autista negro não oralizado”. Num irrefutável texto, ela discorre sobre racismo e capacitismo envolvendo o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Mas o que quero destacar é o quão assustado fiquei (por ser tão distante da minha realidade pessoal) quando conversei com ela

ao telefone para convidá-la a escrever o artigo. Ouvi dela: “Apesar de meu filho ter 3 anos apenas, eu já ensino os comandos policiais a ele, pois o mais importante é que ele entenda os comandos e os respeite, caso seja alvo de abordagem policial. E, mais importante ainda, que volte vivo para casa”. Fiquei, confesso, alguns segundos em silêncio, pensando naquilo que eu nunca havia pensado. Em tantas coisas que eu classificaria como básicas, essenciais, super importantes a serem ensinadas a um autista que não fala. Menos isso. Eu, tão privilegiado — latino branco no Brasil, heterossexual, sem ser pobre ou morar na periferia —, não pude, jamais, imaginar tal perspectiva. Na hora disse a ela: “Você tem que escrever isso!”. Todo mundo tem que saber desta realidade. Não que fosse uma surpresa o racismo estrutural de nossa sociedade ou as condições de vida na periferia. Mas juntar isso ao desafio de criar uma criança autista que não fala (“não oralizada” ou “não verbal”, ou “não vocal” — há uma polêmica sobre qual seria o termo correto) é de constar. Eu me constangi. É preciso bradar. É preciso mudar!

Ah! Uma característica em comum nos três profissionais que citei: todos são talentosíssimos.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Francisco Paiva Jr.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo — Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 13 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 11 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

ÍNDICE

BRASIL TEM PESQUISAS SOBRE AUTISMO

pág.12

CAPACITISMO E RACISMO

pág.18

EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS

pág.22

MAURÍCIO DE SOUZA NA ESCOLA

pág.32

AUTISMO E AGRESSÃO

pág.36

HACKATHON

pág.40

AMOR NO ESPECTRO

pág.42

FÉ NO ESPECTRO

SESSÕES

andré e a turma da mônica	pág.07
o que é autismo?	pág.08
crítica cultural	pág.46
espectro artista	pág.48

reportagem de capa

pág.28

COLUNAS

matraquinha	pág.09
tudo o que podemos ser	pág.11
coluna da meca	pág.17
trabalho no espectro	pág.26
autismo legal	pág.35
introvertendo	pág.38
autismo severo	pág.44
liga dos autistas	pág.50



REVISTA
AUTISMO

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de

qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores.

Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para este email abaixo.

redacao@RevistaAutismo.com.br

 twitter.com/RevistaAutismo

 fb.com/RevistaAutismo

 youtube.com/user/RevistaAutismo

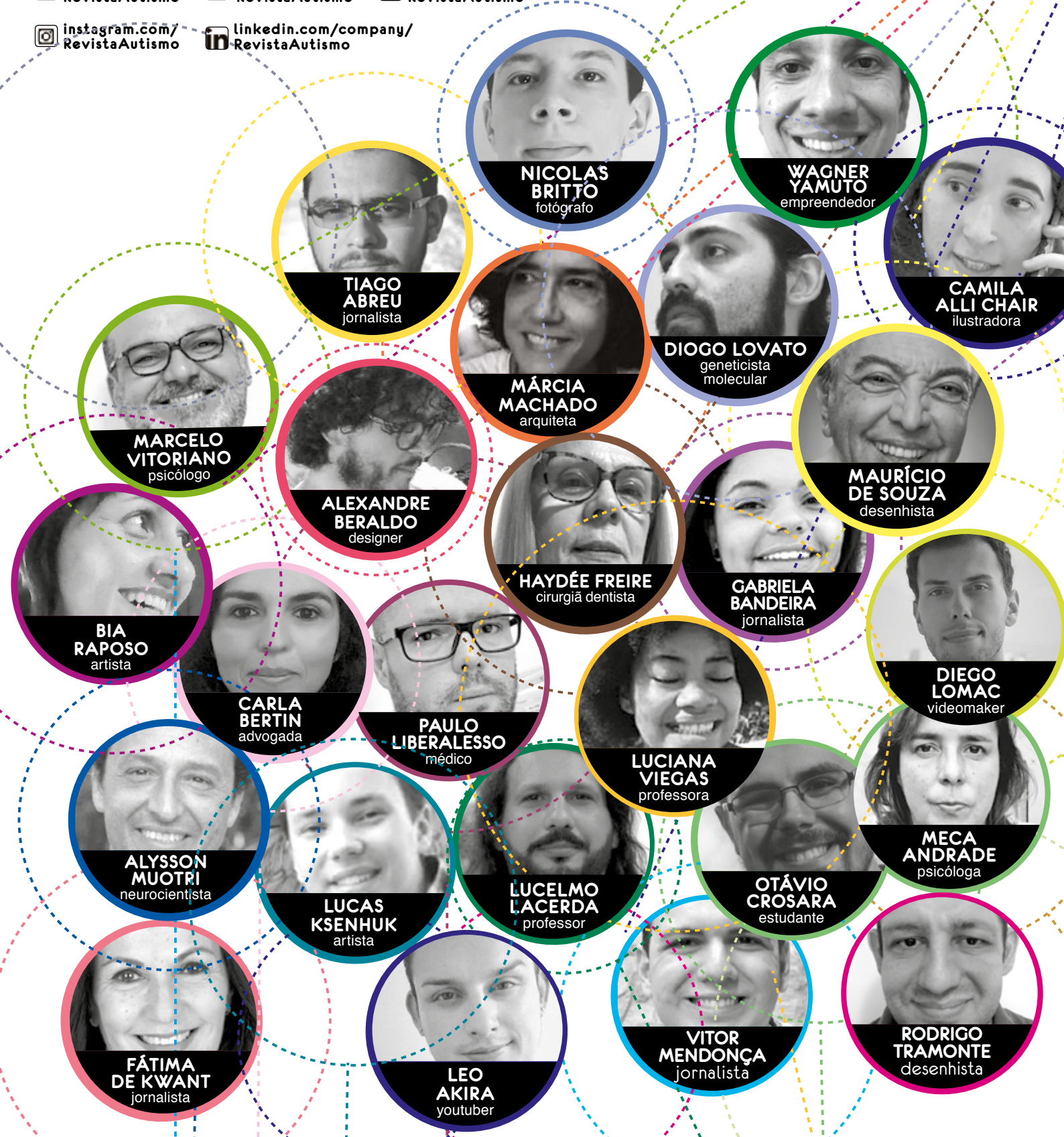
 instagram.com/RevistaAutismo

 linkedin.com/company/RevistaAutismo

#RESPECTRO

www.RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:
assine.RevistaAutismo.com.br



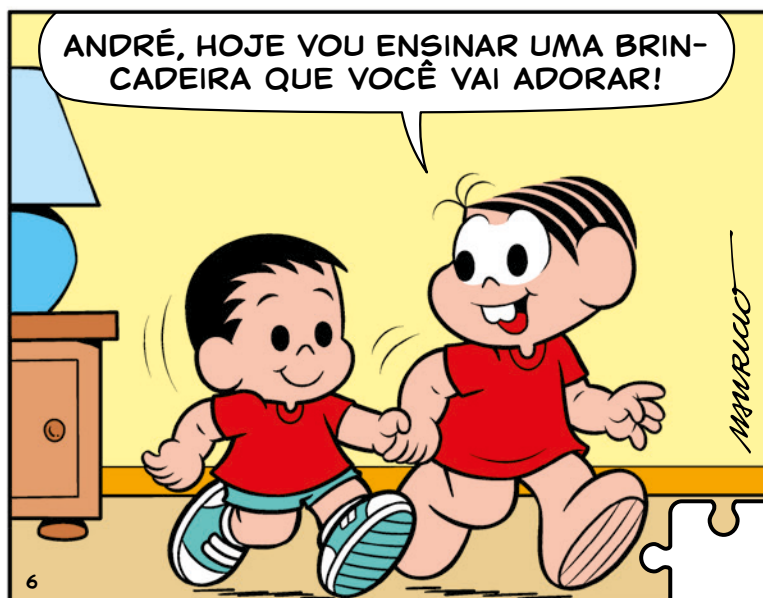


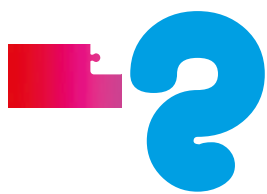
ANDRÉ

em

BRINCADEIRA NOVA

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2020



**CONTEÚDO
EXTRA ONLINE**

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de comprometimento — há desde pessoas com condições associadas (comorbidades), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a mais de 900 genes), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 960 genes já mapeados e implicados como fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja

apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Alguns sintomas como irritabilidade, agitação, autoagressividade, hiperatividade, impulsividade, desatenção, insônia e outros podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (simbolizado pelo infinito nas cores do espectro do arco-íris), considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — data celebrada originalmente em

2004, pela organização *Aspies for Freedom* (EUA).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse.

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito ou hiperfoco;

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta.

O AUTISMO VAI VENCER!

Matraquinha



Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

 [matraquinhaoficial](#)
 [@matraquinhaoficial](#)
 [matraquinha](#)
 [matraquinha.com.br](#)

- Morde a "borrachinha"!
(mordedor infantil)
- Aperta o "porquinho"! (um travesseiro bem fofinho com uma espécie de areia dentro)
- Olha pra mim!
- Respira e inspira!
- Cuidado!

Acredito que em seu arsenal existam inúmeras frases e ações para tentar direcionar algumas crises, comportamentos ou estereotípias consideradas como auto agressões.

O desgaste físico e emocional que sofremos diariamente assemelha-se ao estresse apresentado por soldados combatentes, segundo estudo feito com famílias norte-americanas e divulgado no Journal of Autism and Developmental Disorders.

Essa é uma batalha contra um inimigo que sempre está um passo à sua frente e as "armas" que o autismo possui são muito mais poderosas que as suas.

Nossas "armas" são apenas a nossa vivência e as orientações que recebemos dos terapeutas.

Somos humanos e não super-humanos como nossos amigos e parentes acham que somos, perdemos a paciência de vez em quando, e esse é um dos piores momentos.

Se tentar atingir o autismo, o seu ataque será ricocheteado e acertará no lugar onde mais lhe dói.

As marcas destas batalhas poderão ser irreversíveis se continuarmos nelas, vejo relatos de famílias que simplesmente se desmancham por causa desta condição e nem estou levando em conta as questões financeiras com medicações, terapeutas e médicos.

Eu não quero entrar em batalha, mas quando menos percebo estou nela, algumas vezes consigo sair, em outras me vejo



Ilustração: Bia Raposo

dominado pelo medo de não saber como agir.

Não adianta eu querer que meu filho tente colorir dentro do círculo se a coordenação motora fina dele é quase inexistente; ou que ele preste atenção em mim se ele se distrai com o barulho quase imperceptível de um interruptor.

Os comportamentos sociais são terrivelmente difíceis de direcionar quando estamos fora de casa, e muitas vezes percebo que ele se incomoda de os outros estarem olhando pra ele quando um grito ensurdecedor sai de sua garganta, ou quando as estereotípias simplesmente explodem e vêm à tona.

Aos poucos estou aprendendo e entendendo que se eu tiver que batalhar, tem que ser ao lado do meu filho e não contra. Aprendi que "remover" as estereotípias não vai curá-lo do autismo, muito pelo contrário, já está mais do que comprovado que elas servem para equilibrá-lo.

Meu papel é apresentar ferramentas para que ele consiga ter o mínimo de controle do que o autismo provoca em vez de encarar essa batalha "batendo de frente".

Ao lutar contra o autismo, eu percebi existir alguém no meio desta batalha que vai sair mais ferido do que qualquer um, e esse alguém é meu filho.



Intervenção Comportamental Aplicada (ABA) de qualidade e baseada em evidências para produzir mudanças significativas na vida dos pacientes e seus familiares

O Grupo Método

O Grupo Método é um Centro de Intervenção Comportamental Interdisciplinar, com características únicas no Brasil, que oferece atendimento a indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e outros transtornos do desenvolvimento. Conta com profissionais das áreas de psicologia, fonoaudiologia, pedagogia, educação física e fisioterapia com formação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA-Applied Behavior Analysis). Sua equipe possui sólida formação acadêmica incluindo mestres, doutores e especialistas em Psicologia ou Análise do Comportamento, além de profissionais com certificação internacional em Análise do Comportamento Aplicada (BCBA®, Board Certified Behavior Analyst).

Como Funciona?

O Grupo Método oferece serviços de intervenção comportamental abrangente ou focada, em múltiplos ambientes, utilizando abordagem comportamental e as mais recentes evidências científicas na área. Seus serviços são organizados em setores e de acordo com a idade dos indivíduos: Intervenção Precoce, Intervenção Infantil e Intervenção em Adolescentes e Adultos. Além disso, oferece serviços de Avaliação e Supervisão à Distância, para famílias que moram fora da cidade de São Paulo.



Unidades

As clínicas estão equipadas e preparadas para atender os pacientes e proporcionar um serviço eficiente com segurança e tecnologia. Cada espaço foi especialmente estudado e planejado para ensinar habilidades diversas de acordo com a faixa etária. Os ambientes são amplos, agradáveis e favoráveis à sociabilização e convivência.



Venha nos conhecer!

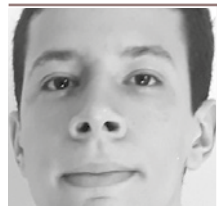
f /grupometodoic @gmetodo /MecaAndrade

Av. Padre Pereira de Andrade, 491/717
Boaçava, São Paulo- SP

(11) 3022-5944 (11) 5038-6413

www.gmetodo.com.br

Tudo que podemos ser



Nícolas Brito Sales

Nicolas tem 21 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade.

Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, em seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro "TEA e inclusão escolar - um sonho mais que possível". Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, "Tudo o que eu posso ser", no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

Ilustração: Lucas Ksenhuk

AMOR NO ESPECTRO, MAS COM SPOILERS

Hoje, eu vou falar um pouco sobre a série "Amor no Espectro", da Netflix, que eu assisti recentemente e achei excelente. Bom, antes de tudo, algumas pessoas que ainda não assistiram a essa série podem se interessar em assistir, mas já aviso que esse texto tem spoiler. Então, para quem ainda não assistiu e se incomoda com isso, eu vou recomendar que ainda não leiam este texto. Assiste lá e volta aqui, ok? Bom, "alerta de spoiler" dado, vamos prosseguir.

Eu adorei essa série, pois retrata pessoas com autismo que têm dificuldades de comunicação e querem um relacionamento. Cada um deles segue um rumo na vida com planos e jornadas diferentes. Por exemplo, nós temos o Michael que é um autista adulto e que tem planos de se casar em um futuro próximo. Ele tem planos de ter uma mulher na vida, mas sem ter filhos, porque, segundo ele, ter filhos pode prejudicar a vida financeira dele, e isso é engraçado. Ele também é muito romântico e tem um ideal de fazer sua esposa uma rainha em sua vida e ele diz que fará de tudo por ela.

No decorrer da história, vamos conhecendo mais pessoas com autismos diferentes e cada uma delas vai tendo encontros para ver se consegue encontrar um par. Para algumas delas, é a primeira vez que têm um encontro romântico e muitas nunca nem beijaram na boca, mesmo já tendo mais de 20 anos de idade. É possível ver nos encontros, como essas pessoas têm potencial e boa vontade, mas também têm muitas dificuldades de comunicação, o que atrapalha bastante para o encontro ter sucesso.

Meus pais me ensinam constantemente sobre relacionamentos e me dão muitos exemplos sempre. Até fazemos "histórias sociais" para praticar uma possível

paquera e isso me deixa mais confortável e confiante. E assistindo ao seriado, eu aprendi muitas outras coisas que me ajudaram a entender ainda mais o que se deve ou não dizer ou fazer. Por exemplo, [Spoiler alert!] tem um momento na série em que o Mark e a Maddi, ambos autistas, vão se encontrar em um restaurante. Ao pedir a conta, Mark fica insatisfeito com o valor da conta, porque Maddi havia pedido um prato que, para ele, era bastante caro e decidiu que os dois pagariam separados. Eu percebi que a Maddi ficou sem graça, mas não disse nada. Aquilo mexeu muito comigo e já perguntei à minha mãe qual é a coisa certa a se fazer, e ela me ensinou, me dando exemplos de possíveis situações.

Aprendi muito em relação às pessoas que são apresentadas nessa série e acredito que isso sirva para ajudar pessoas neurotípicas também a ver como é difícil para algumas pessoas com TEA se comunicarem. Além disso, a série também mostra casais com TEA, como é o caso do Jimmy e da Sharnae, que falam bastante sobre como é a relação deles e de como eles planejam o casamento deles, que inclusive eu achei bem legal.

Bom, para resumir, a série nos ensina bastante de como pode ser o amor no espectro e nos dá dicas do que fazer e não fazer com as pessoas com TEA. Inclusive, tem coisas na série que eu vi e me identifiquei, outras nem tanto.

E sobre meu futuro, eu acredito que tenha aprendido com meu passado e planejo me casar e ter uma família linda! Eu quero ser um marido excelente e ter as tarefas de casa bem divididas para eu ajudar minha esposa e, talvez, meus filhos. E é por isso que eu busco minha independência para, um dia, poder ter minha família e fazê-los felizes.

BRASIL TERÁ PESQUISAS SOBRE AUTISMO

Dois questionários trarão informação: instrumento importante para cobrar políticas públicas para o autismo

D

“Divulguemos via redes sociais e até mesmo ajudemos aquele vizinho sem conexão à internet”

Dois importantes pesquisas estão sendo realizadas para obter informação a respeito de autismo no cenário brasileiro. São iniciativas como estas que nos darão informação, a principal via para lutarmos por mais políticas públicas que beneficiem as pessoas com autismo no país. Exigir medidas do poder público — em todas as esferas: federal, estadual e municipal — sem dados atualizados (ou pior: sem informação alguma!) é estar suscetível a receber das autoridades um “não” disfarçado de proteção,

como um “Claro! Vamos estudar o assunto” e cair no esquecimento.

Por isso é preciso aproveitar a oportunidade e, não só responder a estas pesquisas agora mesmo, como também divulgá-las nas redes sociais, por email e até mesmo procurando aquele vizinho que não tem conexão com a internet, para ajudá-lo, incentivando-o a responder em nosso próprio celular. A primeira é da Organização Mundial da Saúde (OMS) em parceria com o Instituto Ico Project (Curitiba, PR) e a UFPR,

abordando informações sociodemográficas com a participação do Brasil pela primeira vez, juntando-se a mais de 50 países.

A outra é da Genial Care em parceria com a Revista Autismo, com foco nos cuidadores de crianças com autismo. Ambas são importantes e terão seus resultados divulgados em nossas edições futuras.

A seguir, artigos com detalhes a respeito das duas pesquisas, que estarão também no site RevistaAutismo.com.br — disponíveis a todos.



PESQUISA PARA RELATÓRIO GLOBAL DE SAÚDE DA OMS

No Brasil, estudo está sendo realizado
pelo Instituto Ico Project e UFPR

Com a participação de mais de 50 países, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em conjunto com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), está fazendo uma pesquisa global para coleta de dados sociodemográficos do perfil de crianças e adolescentes com atrasos no desenvolvimento e suas famílias. O resultado constará no Relatório Mundial da Saúde, que será apresentado em reunião da Organização das Nações Unidas (ONU). Será a primeira vez que dados relacionados ao Brasil farão parte deste importante instrumento. Por isso, a relevância histórica da sua realização.

Com colaboração do Instituto Ico Project (Brasil) e da fundação

Autism Speaks (Estados Unidos), todos os países responderão o mesmo relatório, o que possibilitará análises comparativas entre países e continentes. No Brasil, a responsabilidade técnica da coleta de dados é de Fátima Minetto, professora titular do departamento de educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

De 3 de setembro a 3 de outubro, o acesso à plataforma para coleta de respostas estará disponível no Instagram e Facebook do @icoproject e também no site da Revista Autismo (acesse pelos QR-code e links). Passada essa data, os pesquisadores iniciarão as análises para que até dezembro possam submeter à OMS.



PESQUISA PARA RELATÓRIO GLOBAL DE SAÚDE DA OMS PARA ONU

SOBRE AS CONDIÇÕES DAS FAMÍLIAS
DE CRIANÇAS COM ATRASOS DE DESENVOLVIMENTO



Organização
Pan-Americana
da Saúde



Organização
Mundial da Saúde
COORDENADORIA REGIONAL PARA AS
AMÉRICAS



autism speaks



ICO

unicef



UFPR

**“Contamos
com sua
preciosa
ajuda na
divulgação
desta
pesquisa”**

“A relevância da pesquisa, além do caráter histórico, permitirá que a comunidade possa exigir políticas públicas dentro das necessidades concretas dessa parcela da população. O relatório poderá apontar, por exemplo, que há regiões do país com maior acesso a diagnóstico e intervenções, que outras. Poderá indicar se dentro dessas famílias, algum de seus membros parou de trabalhar para se dedicar àquele com atrasos no desenvolvimento”, explicou Elyse Mattos, fundadora do Instituto Ico Project.

“É sabido que a construção de políticas públicas sempre toma por base dados concretos. Assim, em 2019, a comunidade do autismo pressionou o Congresso Nacional e governo para que houvesse 2 questões relacionadas ao autismo no próximo Censo. Dado de grande valia, todavia, incompleto para possibilitar a construção de políticas de saúde e educação adequadas, uma vez que não trará dados socioeconômicos detalhados”. Cientes disso, o Instituto Ico Project e a UFPR buscaram seus parceiros internacionais e aderiram a esta oportunidade de pesquisa mundial.

O âmbito e alcance são nacionais. Assim, quanto maior o número de respostas, maior a fidedignidade

dos resultados apresentados no relatório. Por isso, é de suma importância a participação em massa da comunidade.

Importante ressaltar que a pesquisa abrange todos os atrasos de desenvolvimento, como: autismo, deficiência intelectual, síndrome de down, síndromes genéticas, transtorno global do desenvolvimento, atrasos da comunicação, paralisia cerebral, transtorno de déficit da atenção com hiperatividade (TDAH), epilepsia, entre outros.

“Contamos com sua preciosa ajuda na divulgação desta pesquisa. Além disso, oportunamente, divulgaremos os resultados para que toda a comunidade relacionada passe a ter acesso a esta poderosa ferramenta para buscar melhores condições de intervenções e qualidade de vida”, contou Elyse.

A pesquisa pode ser acessada no site RevistaAutismo.com.br ou no site e redes sociais do Ico Project ou diretamente apontando a câmera do seu celular para o QR-code desta página.



/institutoicoproject



@instagram.com/icoproject



icoproject.com.br



MARIA GABRIELA BANDEIRA

é jornalista, líder de comunidade na Genial Care, autora de 'Singulares - Um olhar sobre o autismo' e editora do site Olhares do Autismo.

olharesdoautismo.com.br

[olharesdoautismo](https://www.facebook.com/olharesdoautismo)

[@olharesdoautismo](https://www.instagram.com/olharesdoautismo)

O QUE QUEM CUIDA PRECISA?

Quando uma pessoa se torna cuidador responsável por uma criança no espectro do autismo – ou mesmo de uma com suspeita de autismo – é comum que volte todas as atenções para ela. Essa atitude é até esperada, uma vez que a criança vai precisar de apoio para se desenvolver em alguns aspectos. Mas onde fica o cuidador nesta história? Quais são suas principais necessidades, inseguranças? Quais as suas potencialidades, como elas podem ser usadas e, principalmente, como podem ajudar nesse processo? É isso que o novo estudo da Genial Care, em parceria com a Revista Autismo, quer descobrir! Por meio desta pesquisa, queremos descobrir, entre outras coisas, em que você mais precisa de ajuda. A resposta a esta pergunta não é simples, porque costumamos achar que nossas dificuldades são normais e não refletimos sobre elas. Por isso, queremos que você:

- entenda suas prioridades;
- descubra suas potencialidades o que também pode ajudar outros pais, mães e cuidadores.

Entendemos que o desenvolvimento de uma criança com autismo está diretamente relacionado aos seus cuidadores. Afinal de contas, são eles que passam a maior parte do tempo com ela. Por que estamos fazendo isso? É simples. Porque sabemos que, assim como seu filho(a), você também é singular e consegue se tornar um agente de transformação na vida dele(a).

Além disso, acreditamos que toda essa construção deve ser feita em conjunto, e por meio da escuta de quem mais entende do seu filho(a): você. Essa é a principal razão para convidarmos você a participar de nosso estudo. Acesse o site da Revista Autismo e encontre o link para responder.

Todos podem e merecem aprender

Se uma criança – seja ela típica ou atípica – não consegue aprender, você precisa mudar sua forma de ensinar. O mais importante nesta etapa é entender o que a

Pesquisa nacional da Genial Care e Revista Autismo pretende entender as necessidades do cuidador de uma criança com autismo

torna única e como direcionar o aprendizado para que ele seja algo prazeroso e fácil. Pode parecer difícil, a gente sabe. Além disso, as pesquisas que você já fez e tudo que estudou o condicionam a pensar que somente um super especialista no assunto pode ajudar. Claro que sabemos que os profissionais são extremamente importantes nesse processo, mas queremos uni-lo a experts no autismo e garantir que você também se torne um.

Para começar esse processo, você precisa responder a três perguntas: 1 - Quais são suas principais necessidades? São elas que vão direcionar por onde começar todo trabalho e ajudar a classificar o que é mais urgente, e o que pode esperar.

2 - Quais são as habilidades da criança? Quando recebem o diagnóstico de autismo, muitos cuidadores tendem a pensar somente naquilo que a criança não sabe. Mas um ponto importante para ensinar é justamente saber as habilidades que ela já tem.



CONTEÚDO
EXTRA
ONLINE

Acesse e responda a pesquisa com este QR-code ou acessando: bit.ly/3ikLT5n



3 - Qual seu contexto familiar? O que muitas famílias não percebem é que as condições de tratamento e educação muitas vezes estão ligadas ao próprio contexto familiar.

Um estudo feito em conjunto

Queremos transformar a vida de crianças com autismo e suas famílias, e escolhemos o Brasil como nosso ponto de partida para criarmos serviços e ferramentas que ajudarão a entender como você pode ensiná-lo a alcançar o caminho para a independência e a autonomia. Por isso nos unimos à Revista Autismo, que também terá acesso aos resultados deste estudo e, juntos, vamos encontrar o espaço ideal para crescer. Colabore você também respondendo à pesquisa e compartilhando o link que está no site RevistaAutismo.com.br.

A Genial Care é uma nova empresa que quer cocriar junto às famílias o padrão de cuidado para crianças com autismo em todo Brasil, capacitando famílias e cuidadores para que todas essas crianças encontrem o melhor caminho possível para seu desenvolvimento. 🌱

“Ser um agente de transformação é se tornar protagonista para navegar diante das diversas particularidades e contextos que surgirão durante a evolução de sua filha(o)”.



26 DE AGOSTO

HÁ **11** ANOS
OFERECENDO
**OS MELHORES SERVIÇOS
EM ENTREGAS EXPRESSAS**

Esse é o nosso agradecimento especial a todos os nossos clientes: vocês fazem parte dessa história e são o motivo pelo qual voamos mais longe!



Azul cargo
Express

Mais barato do que você pensa.
Mais rápido do que imagina.

www.azulcargoexpress.com.br | Central de Atendimento: (11) 4003-8399

Coluna
da Meca

Meca Andrade

é psicóloga, com mestrado em Análise Aplicada do Comportamento pela Northeastern University (EUA), diretora do Grupo Método.

▶ Meca Andrade

DE ONDE VEM A
INTOLERÂNCIA

O pessoal envolvido com a comunidade autista – seja no nível pessoal ou profissional – ficou, no mínimo, sensibilizado com o que foi contado pela autista Leticia em suas redes sociais (@AspieAventuras). O caso foi também documentado pelo Jornal do Grande ABC (veja link na versão online) e causou indignação entre militantes e simpatizantes de todo tipo de causa relacionada à proteção de direitos humanos.

Segundo Leticia, ela buscou acolhimento em um Centro de Atenção Psicossocial (i.e. CAPS) que havia frequentado anteriormente. Ao ser avaliada pela equipe local, considerando também o histórico de seu prontuário, foi determinado que ela apresentava elevado grau de risco. Com isso, foi medicada, contida e mantida contra sua vontade nas dependências do CAPS por cerca de 24 horas até que, com enorme mobilização da comunidade, foi liberada.

A indignação é não apenas justificável e compreensível, mas necessária. Pois ao menos em tese pode fomentar mudança. E, certamente, produziu a mobilização que terminou por abreviar seu sofrimento naquele dia. Mas escute: indignação, apenas, está longe de ser suficiente para qualquer ganho de fato. Ideologia, apenas, traz paz aos pensadores...

Veja: os CAPS são equipamentos da Saúde Pública que procuram oferecer assistência psicossocial à população. E

são extremamente úteis! Antes deles existirem, saúde mental era privilégio de uma parcela bem pequena da população. A proposta CAPS, de um atendimento de portas abertas, contrasta de modo gritante com o que foi protagonizado por Leticia. E por que isso aconteceu? É difícil pensar que os profissionais envolvidos nesse incidente tenham sido motivados apenas por preconceito e intolerância. É muito provável que eles tenham tido a melhor das intenções. Que tenham, de fato, acreditado estar fazendo o bem. Por mais abusivo e desrespeitoso que tudo possa parecer, é provável que as decisões tomadas tenham sido, honestamente, as melhores que aquele grupo de pessoas foi capaz de tomar. Em outras palavras: ignorância, não apenas intolerância, gerou essa situação de deliberada violação aos direitos da Letícia. Leia-se como: “Não sei o que fazer com você, não estou entendendo o seu comportamento, não me sinto bem vendo e ouvindo o que estou vendo e ouvindo. Tenho medo do que possa acontecer. Por isso preciso que você pare.”

Um pouco de conhecimento sobre o comportamento humano, um pouco de fluência no manejo de uma situação inesperada poderiam ter poupado a Letícia disso. Poupado todos nós da tristeza de perceber o quão pouco caminhamos. Menos discurso, mais preparo pode nos levar bem longe. É só.



LUCIANA VIEGAS CAETANO

é autista, professora, mãe do Luiz (autista), membro da Abraça (Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas) e idealizadora do movimento #vidasnegrascomdeficienciaimportam.

 @umamaepretaautistafalando

CAPACITISMO E RACISMO: 'UM MENINO PRETO E AUTISTA NÃO ORALIZADO'

A visão de uma mãe
sobre a luta antirracista e
anticapacitista no Brasil

T

alvez você não me conheça, mas sou mãe de um menino autista negro e sou negra e autista. Gosto de me apresentar dessa maneira por que é importante contextualizar minhas análises neste texto. Elas são baseadas em muitos autores mas, principalmente, são baseadas em minha experiência, sendo mulher e mãe de uma criança preta e autista no Brasil. São inquietações com as quais uma mãe preta atípica pode se identificar e compartilhar. Peço que “calce meus sapatos” e me acompanhe nessas inquietações.



Ilustração: @xandeberaldo

Para falar de racismo e capacitismo desde a ótica de uma pessoa neurodiversa precisamos entender o contexto histórico, social e econômico que as pessoas com deficiência enfrentam em nosso país.

Quando fiquei grávida do meu filho Luiz, minha cabeça virou um misto de alegria e preocupação, e eu não estava preocupada com condição financeira porque eu sabia que isso era o menor dos problemas. Como meu hiperfoco é racismo, eu sempre soube que ter um filho preto sendo mãe preta no Brasil não era uma tarefa fácil.

Eu, mãe preta em um país determinantemente racista, fiz mil planos sobre como eu iria ensinar meu filho a se portar diante de “um enquadro”, nas situações racistas da escola e, sobretudo, em como criar nele uma auto estima inabalável.

Nunca ninguém poderia lhe dizer que ele não era importante.

Percebemos o autismo em nossas vidas quando Luiz tinha 1 ano e 5 meses. Notei que seu desenvolvimento estava diferente de outras crianças na sua idade, entretanto, o que eu mais ouvia quando o Luiz não respondia às interações sociais referia-se a ele ser “mal educado”.

Obviamente, após ouvir que meu filho era “mal educado”, eu já sabia que não era esse o caso. Afinal, que tipo de educação familiar “faltou” pra uma criança de 1 ano e 5 meses? Onde eu e o pai do Luiz erramos na construção da educação do nosso filho? E quantos de nós (negros) ouvimos, ao longo da nossa vida, que somos agressivos e mal educados? Há um racismo que não é falado, há um estereótipo de marginalização e agressividade dos nossos corpos que não é contado. Eu sempre soube, mas não sabia que o Luiz se depararia com essa estrutura, mesmo tendo tão pouca idade.

Ao levar o Luiz ao médico tive



Ilustração: @matblease

a certeza de que ele era autista. Passamos por um período de 6 meses indo a médicos para que o Luiz fosse diagnosticado e, entre uma consulta e outra, eu escutei que o meu filho era “mal estimulado” e “preguiçoso”. Com apenas 1 ano e 9 meses, tive que brigar pra que a vida e a saúde de um menino negro, meu filho, fossem respeitadas.

Talvez você não tenha percebido, mas há um olhar que marginaliza as pessoas pretas dentro da saúde. Como diz o texto abaixo, de 2007, extraído da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (p.30), do Ministério da Saúde:

“Do ponto de vista institucional – que envolve as políticas, os programas e as relações interpessoais –, deve-se considerar que as instituições comprometem sua atuação quando deixam de oferecer um serviço qualificado às pessoas em função



da sua origem étnico racial, cor da pele ou cultura. Esse comprometimento é resultante do racismo institucional”.

Ao perceber que meu filho era autista, meu medo não era “não ter um filho aceito na sociedade”, porque, afinal, somos pretos e periféricos, e a sociedade não nos aceita. Nós aprendemos a resistir em meio à estrutura racista que nos cerca. Meu maior medo em relação ao meu filho deixou de ser preocupação e passou a ser a urgência, sendo o Luiz um menino preto e autista não oralizado.

Há uma vivência que não é contada sobre as famílias periféricas: a abordagem policial, uma realidade comum, mas autoritária dentro das favelas. Um questionamento urgente surgiu em minha cabeça: ao “autistar” pelo meu bairro, a polícia não confundiria meu filho com um suspeito? Será que os policiais iriam ouvi-lo? Será que daria tempo de ele sinalizar que não fala? Sabemos como a polícia nos aborda e como somos tratados. A resposta é não. O Luiz e outros garotos negros, neurodiversos ou não, nem sequer têm direito de fala ou de explicação.

Esses dados se confirmam por pesquisas que afirmam que, no nosso país, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado. Por esse motivo, criei uma metodologia de proteção da vida do meu filho. Apesar de ele ter 3 anos apenas, eu já ensino os comandos policiais a ele, pois o mais

importante é que ele entenda os comandos e os respeite, caso seja alvo de abordagem policial. E, mais importante ainda, que volte vivo para casa.

Meu auto diagnóstico

Eu sou autista, mas sou auto diagnosticada. Me percebi autista aos 26 anos através de estudos sobre como o autismo se desenvolve, comparando minhas experiências de vida ao que era dito por especialistas em autismo. Infelizmente não tenho laudo. Após anos sendo diagnosticada erroneamente ainda não encontrei um profissional que se dispusesse a olhar pra mim e para minha condição sem me marginalizar, ou mesmo sem um viés racista.

Percebendo essa disparidade entre acesso ao diagnóstico e realidades, eu me posicionei para falar da luta das pessoas pretas com deficiências e de como somos silenciadas e atravessadas pelo racismo estrutural, também entre os nossos. Surgiu o movimento #vidasnegrascomdeficienciaimportam. Um movimento de pessoas negras com deficiência que pautam suas experiências e chamam a atenção da comunidade médica para a realidade das pessoas com deficiência negras no Brasil, tomando proporções e alcance incríveis.

No mundo da neurodiversidade o autodiagnóstico é comum. Eu e mais autistas,



Luciana e Vinicius Caetano, com os filhos Luiz (3 anos) e Elisa (2 anos).

Apesar de ele

ter 3 anos

apenas, eu

já ensino os

comandos

policiais a ele

#vidasnegrascomdeficiênciainportam

sobretudo negros, aceitamos o próprio autodiagnóstico e seguimos respeitando nossas particularidades e procurando maneiras de viver com um pouco mais de qualidade de vida. Falar em auto diagnóstico de autismo em pessoas pretas, é apontar o quão restritivas e racistas são as políticas e modelos de diagnóstico no nosso país.

O modelo médico de deficiência é um modelo que enfoca os déficits e limita pessoas com deficiência apenas à sua deficiência, estereótipos, checklists e CIDs. Isso resulta em pessoas negras, neurodiversas, que têm um acúmulo de CIDs sem nenhuma possibilidade de tratamento de qualidade, tanto pelo sistema único de saúde (SUS) quanto pela rede particular.

É comum escutar entre nós, autistas pretos, que saímos do consultório com o laudo em uma mão e a receita para medicações na outra sem ao menos garantia de tratamento e um diagnóstico mais detalhado voltado a melhorar nossa qualidade de vida. E aqui não estou colocando em questão autistas que estão internados em fundações, casas e até mesmo em manicômios, vivendo marginalizados e sem um diagnóstico sobre sua neurodiversidade. Esse debate é de muitas perguntas, poucas respostas, seja pela falta de representatividade dentro dos movimentos, seja pela maneira que autistas pretos, por serem auto diagnosticados, não se sentem seguros para expor sua deficiência sem serem questionados, e por isso não falam sobre suas vivências.

Escrevo aqui a você, meu amigo autista, auto diagnosticado, e à mãe preta que me lê, seguimos juntos nessa luta, nesse processo de construção da nossa autonomia, qualidade de vida e orgulho de ser quem somos, não tenhamos medo de ser potência, não tenhamos medo de nos mobilizar. Estaremos juntos na luta.

Precisamos repensar a maneira como abordamos e como enxergamos as pessoas negras autistas, precisamos acolher, escutar e, mais que isso, mobilizar pessoas e apoiar a luta. Dar voz às pessoas neurodiversas pretas é necessário e urgente.✳



Filmagem

Fotografia

Edição

Grafismo

Criação e Assistência
em Audiovisual



(11) 95047-5255

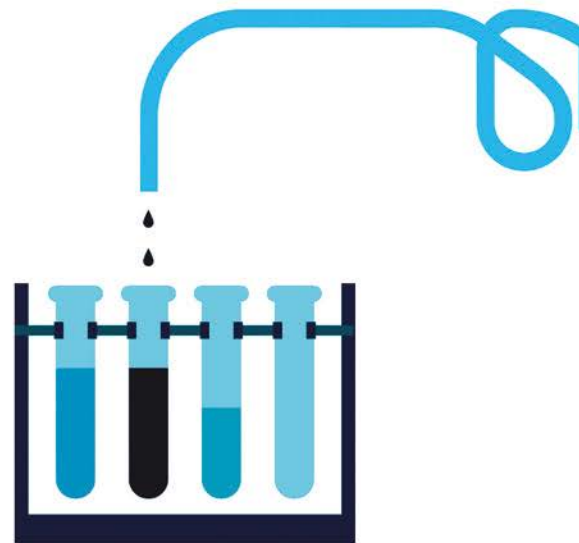
@diegolomac

diegolombomachado@gmail.com



PAULO LIBERALESSO

é médico neuropediatra, mestre em neurociências, doutor em distúrbios da comunicação, diretor técnico do Centro de Reabilitação Neuropediátrica do Hospital Menino Deus (Carena), em Curitiba (PR).



INTERVENÇÕES BASEADAS EM EVIDÊNCIAS PARA O AUTISMO

O que é isso e quais são elas?

N



ós muitas vezes desconfiamos da ciência porque ouvimos cientistas falando coisas muito diferentes entre si. Isso parece estranho, mas é natural, pois a ciência é um campo em movimento, estamos continuamente produzindo novos conhecimentos e para que isso ocorra é necessário que os cientistas pensem coisas diferentes e explorem todas as possibilidades que se possa imaginar. Fazer ciência é deixar sempre a janela da inovação e exploração aberta.



Mas é normal que muitas coisas investigadas não deem em nada, ou seja, sejam hipóteses falsas, como a ideia de que o autismo era causado pelas “mães geladeira” e, por outro lado, outras coisas ganhem força à medida que as pesquisas avançam, tal como o papel predominante da genética no autismo.

Quando falamos em intervenções (em saúde, educação ou medicamentos) é preciso ter um cuidado redobrado, pois não podemos submeter as pessoas com TEA a

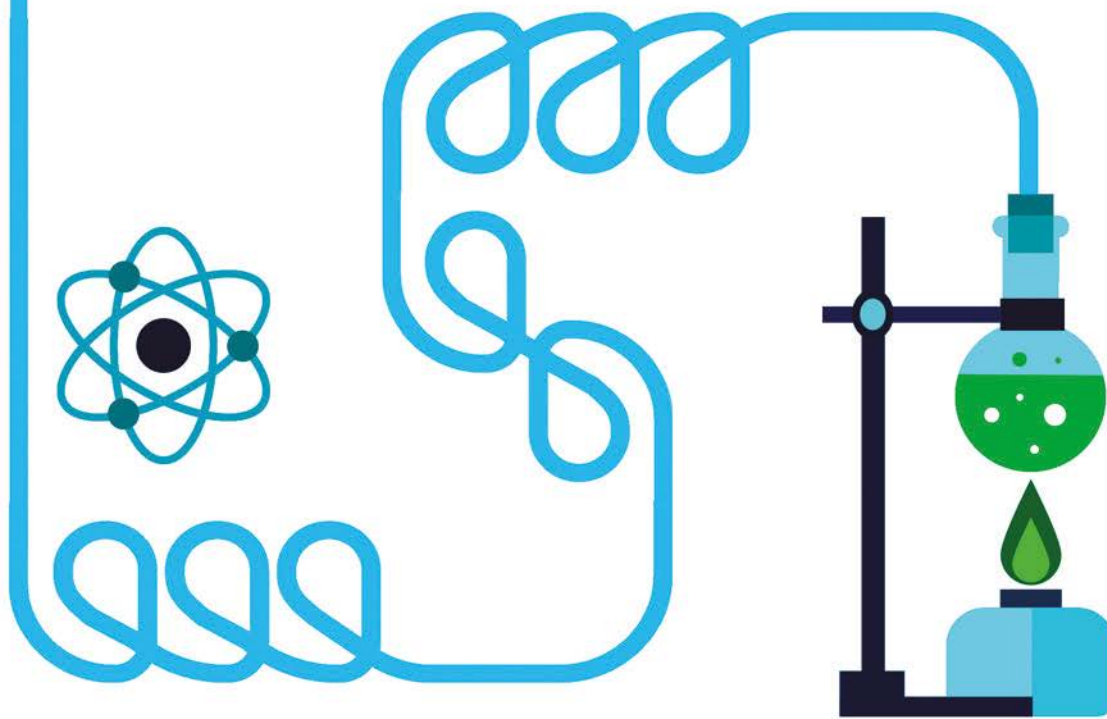


condições degradantes, como hipóteses que podem ser equivocadas e perigosas. Daí que só consideremos como um tratamento de verdade aquilo que passou por testes rigorosíssimos de segurança e eficácia. É o que chamamos de “ter evidência”, quando a quantidade e qualidade dos estudos é tão grande que podemos garantir que se trata de algo que funciona.

Pela legislação brasileira, um remédio só pode ser vendido na farmácia quando passou por tudo isso, do



é doutor em educação, com pós-doutorado em psicologia, professor da educação básica e da especialização em ABA do CBI of Miami e em autismo na Universidade Federal de Tocantins, além de autor do livro "Transtorno do Espectro Autista: uma brevíssima introdução".



contrário, a venda sem evidência é considerada crime hediondo. No entanto, curiosamente, a oferta de terapias e estratégias pedagógicas sem nenhuma evidência não possui qualquer proibição legal, mesmo que haja evidências de que são ineficazes. Isso faz com que tais terapias [sem resultados] proliferem, quando há falta de informação de qualidade." Uma intervenção tem evidência quando há a) estudos randomizados com N adequado à população (esse número varia), com controle de variáveis, duplo ou triplo cego e, a depender do caso, multicêntrico; b) revisões sistemáticas com metodologia rigorosa, incluindo descritores adequados, bases de dados amplas e bem reputadas, com controle de revistas predatórias, consideração das metodologias mais rigorosas adequadas à área; ou c) metanálises com o mesmo rigor descrito para as revisões sistemáticas. Esta é a ordem de força estatística, sendo as revisões sistemáticas e as metanálises, no topo, com maior força em termos de evidência.

Os EUA aprovaram duas leis fundamentais: *No Child Left Behind*, 2002 e depois o *Individuals with Disabilities Education Improvement Act*, 2004. Ambas reafirmam que só é permitido usar dinheiro federal se houver evidências de que ele está sendo bem usado, que a intervenção financiada possui evidências de eficácia. Essa legislação lançou os holofotes sobre as pesquisas sobre autismo,

que passaram a ter o poder vinculativo de "liberação" de verbas do governo estadunidense.

Foram muitas as revisões sistemáticas - com e sem metanálise - produzidas no mundo a respeito do autismo. Não falaremos de todas elas, mesmo porque seus resultados são semelhantes, com ligeiras diferenças na forma de abordar as intervenções. Concentraremos nosso foco em somente duas iniciativas: na mais completa, que aborda os tratamentos com evidência, os emergentes e os ineficazes - o National Standard Project - NSP, que descreve qual é a melhor intervenção global em autismo e a revisão sistemática do National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice

Review Team - NCAEP, denominado *Evidence-based Practices for Children, Youth and Young Adults with Autism*, que foi publicada em 2020 e tem uma revisão traduzida em português¹.

O National Standard Project²

O NSP é um projeto do National Autism Center - NAC, nos Estados Unidos, que tem o objetivo de realizar pesquisa aplicada para o TEA e compartilhar informações com a população, sobretudo pais, professores e terapeutas sobre estes tratamentos. O NSP de 2015 descreveu 14 práticas com evidência para autismo, elas são, em sua maioria, práticas focais, isto é, que têm por objetivo atuar em uma questão específica, mas também trouxe uma prática global, e é esta que iremos apresentar agora:

Intervenção Intensiva e Precoce

Trata-se de um modelo de intervenção que é considerado o tratamento prioritário para o TEA e deve ter algumas características fundamentais: 1. Ser o mais precoce possível 2; ser intensiva – a intervenção é feita entre 25h e 40h semanais; 3. Ser íntegra – com implementação de maneira rigorosa, com fundamento em Análise do Comportamento Aplicada - ABA; 4. Ser distendida no tempo – com cobertura das pesquisas é de 2 a 3 anos.

O conjunto de dados disponíveis sobre este processo de intervenção demonstrou enormes ganhos nos campos da inteligência, da linguagem, das habilidades sociais e do comportamento adaptativo.

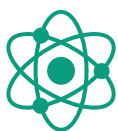
A Revisão do NCAEP

Além das intervenções globais, há as intervenções focais, isto é, que se dedicam especificamente a um comportamento que deve ser diminuído, alterado ou aumentado. Essas intervenções focais são, portanto, projetadas para abordar uma única habilidade ou objetivo de um aluno com autismo.

Nesta linha, o National Professional Development Center – NPDC realizou uma revisão sistemática, publicada como artigo científico em 2015³, com financiamento de atualização e que migrou, posteriormente, para o Clearinghouse, dando continuidade ao trabalho e produzindo a publicação de 2020 sobre a qual agora nos debruçamos e que trouxe novas práticas com evidência em relação à pesquisa de 2015, além de um reagrupamento de intervenções.

Foram descritas, neste contexto, 28 práticas focais baseadas em evidências:

1. Análise de Tarefas
2. Atraso de tempo
3. Autogerenciamento
4. Avaliação Funcional do Comportamento
5. Cognitivo Comportamental/ Estratégias de Instrução
6. Comunicação Alternativa e Aumentativa
7. Dicas (Prompting)
8. Ensino por Tentativas Discretas
9. Exercício e Movimento
10. Extinção
11. Instrução Direta
12. Instrução e Intervenção Assistida por Tecnologia
13. Instrução e Intervenção Mediadas por Pares
14. Integração Sensorial
15. Interrupção e Redirecionamento da Resposta
16. Intervenção Implementada por pais
17. Intervenção Mediada por Música
18. Intervenção Momentum Comportamental
19. Intervenção Naturalística
20. Intervenções baseadas no antecedente
21. Modelação
22. Narrativas Sociais
23. Reforçamento
24. Reforçamento Diferencial de Alternativo, Incompatível ou Outros Comportamentos
25. Suportes Visuais
26. Treino de Comunicação Funcional
27. Treino de Habilidades Sociais
28. Videomodelação



As práticas estão na ordem alfabética e as que estão em negrito são baseadas em ABA. Nos demais casos, temos a intervenção Cognitivo Comportamental, baseada no cognitivismo, a Integração Sensorial, com referencial próprio e as intervenções de Exercício e Movimento e mediadas por tecnologia e música que possuem parte das pesquisas com referencial em ABA, mas também com outros referenciais diversos.

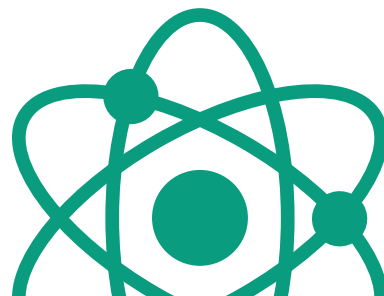
evidência para contribuir no processo de desenvolvimento das pessoas com autismo. 🌱

Notas de Rodapé

1. <https://www.terapiaaba.com.br/upload/ebp-traducao-final.pdf>
2. <https://www.nationalautismcenter.org/national-standards-project/>
3. WONG, C. et al. Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism spectrum disorder: A comprehensive review. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 45, n. 7, p. 1951-1966, 2015.

Conclusão

Práticas Baseadas em Evidências são aquelas que acumularam dados para garantir que abandonaram a zona de incertezas, em que é possível garantir que realmente funcionam. Existem metodologias rigorosas de pesquisa para que concluamos que alguma prática atingiu este nível e os países desenvolvidos exigem que o dinheiro público seja utilizado com estas metodologias, para segurança das pessoas com autismo e zelo com os impostos. O tratamento para autismo é o que chamamos de “Intervenção Baseada em ABA” e outras intervenções focais, tais como a terapia cognitivo-comportamental, a integração sensorial e o exercício físico são alguns dos elementos também com



 AUTISMOSOMAR

 AUTISMOSOMAR.COM.BR

**SOMAR, CUIDADOS
ESPECIAIS PARA QUEM
VOCÊ AMA. MUITO MAIS
QUE UMA CLÍNICA.**

UNIDADES (PE)

TORRE

Rua Marquês
de Maricá, 48
(81) 3441-5656
(81) 3039-5656

BOA VIAGEM

Rua Dona
Benvenida de
Farias, 465
(81) 3465-3913

OLINDA

Rua José
Batista da Costa
Azevedo, 37
(81) 3039-5656

TRABALHAMOS COM SUPERVISÃO EM OUTROS ESTADOS.





Trabalho no Espectro



Marcelo Vitoriano

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas Empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é diretor geral da Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 20 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

O PODER DAS MULHERES NEURODIVERSAS

Quando olhamos para a representação do autismo em nossa sociedade, por exemplo em filmes, séries ou televisão, sempre lembramos do Sheldon Cooper do *The Big Bang Theory*, ou mais recentemente com *The Good Doctor* e *Atypical*. As exceções são a personagem Benê do seriado *Malhação da Rede Globo* e, para quem não é da área ou convive com o autismo, poucas pessoas ainda conhecem a fantástica Temple Grandin, cientista renomada e uma das principais referências do mundo. Ou seja, o autismo em sua maioria é representado por homens, mas não podemos esquecer que, apesar da menor prevalência, também é encontrado em mulheres. Vamos falar sobre isso?

Grande parte das jovens com autismo leve que passaram pelo programa da Specialisterne, cerca de 90% delas, e que hoje estão trabalhando, tiveram o diagnóstico de autismo já na vida adulta. Através de relatos de mulheres autistas e profissionais de saúde, percebe-se que as características de dificuldades de comunicação e interação social são camufladas por comportamentos aprendidos em resposta à sociedade, de forma que sejam mais aceitáveis dentro dos padrões ditos normais. E, diante disso, acabam tidas como mais quietas, tímidas e reservadas, a própria família justifica com “ah, ela é assim mesmo”, sem perceber ou suspeitar do diagnóstico de autismo. O problema aqui, ao meu ver, é o quanto

a falta do diagnóstico faz com que essas mulheres tenham vivências educacionais e de relacionamentos mais complexos e com maiores dificuldades. Temos muitos relatos de mulheres com autismo que se sentiram aliviadas ao saber de seus diagnósticos, de fazer parte de um grupo com características semelhantes e assim se conhecerem melhor. “Quando temos clareza de quem somos, podemos expressar todo nosso potencial, e ter orgulho disso.”

Como neste artigo o objetivo é dar voz às mulheres com autismo, trago a seguir algumas histórias, experiências e o olhar de como foi, para elas, entrar no mercado de trabalho.

“A sociedade ainda espera que as mulheres casem, tenham filhos e cuidem deles. São cobranças que não pesam contra os homens, que acabam tendo mais disponibilidade para se dedicarem à profissão do que as mulheres.”

“Sou uma pessoa direta e honesta e, geralmente, muitas pessoas enxergam isso como grosseria e se espantam, pois esperam de mim, devido à minha aparência, uma postura amável e doce, sem demonstrar as minhas opiniões e sentimentos.”

“As mulheres são mais exigidas no mercado de trabalho e precisam provar (constantemente) seu valor.”

“Existe uma maneira pré-determinada de como nós mulheres devemos agir em sociedade, muitas pessoas esperam isso, mesmo



Família Raposo

que de forma subconsciente, o que faz com que acabemos sendo excluídas de certos locais de convívio, quando não nos portamos da maneira esperada. Precisamos ser sempre solícitas e simpáticas, não podemos exigir nossos direitos ou demonstrar nossa opinião.”

Percebemos, através destes relatos, alguns elementos do que é esperado da figura da mulher socialmente versus as características que elas possuem por estarem dentro do espectro do autismo. Por isso a importância de darmos voz a essas mulheres para desconstruir pré-conceitos e possibilitar a expressão de todos os seus talentos como protagonistas, garantindo assim sua entrada [na] e construção de uma carreira profissional.

Um agradecimento especial às queridas Ana Beatriz, Angélica, Bianca, Claudia, Jéssica, Julia, Laura, Natalia que contribuíram com a riqueza deste artigo.

Deixo aqui a mensagem de uma profissional neurodiversa que representa o poder de todas essas mulheres: “Continuem sendo vocês mesmas, mesmo que não caibam nas “caixas” em que a sociedade teima em querer nos enfiar. E saibam que vocês são perfeitas em todas as suas singularidades, gostem os outros ou não.”

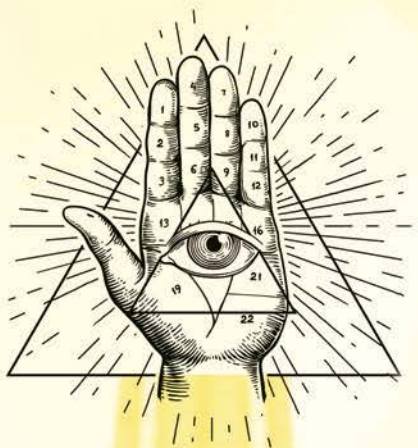
Indicação de leitura: “The invisible oppression of the autistic female”, de Chloé Caldasso (link na versão online) ★



VICTOR MENDONÇA

é jornalista, escritor, apresentador e mestrando em comunicação social. Foi diagnosticado autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autor de seis livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

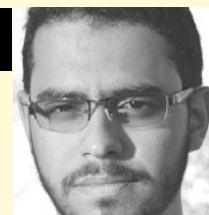
 @autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br



FÉ NO ESPEC TRO

Autistas
desenvolvem
encontros e
desencontros com
práticas religiosas





eligiões e suas variações fazem parte do cotidiano brasileiro. Aliás, de acordo com dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais da metade da população é cristã. Em um país de múltiplos contrastes e desigualdades, autistas e seus familiares colecionam diferentes experiências com práticas religiosas – influenciadas por uma rede de relações socioeconômicas, culturais e pela amplitude do espectro.

Apesar de não termos uma proporção numérica de autistas religiosos e



Fábio Sousa: o "tio .faso" nas redes sociais.

não-religiosos – o próximo Censo está programado para 2021 – existem hipóteses e estereótipos ligados aos critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O hiperfoco, o pensamento rígido e as dificuldades de interação social são transformados em discursos sobre a religião. Mas, desta vez, são os autistas que criam suas narrativas.



Débora Brandão: gestora de marketing

Autistas religiosos

Há autistas que consideram a religiosidade e a espiritualidade como essenciais em seu aprimoramento pessoal e na contribuição para uma sociedade melhor. É o caso da servidora pública e psicóloga Myriam Letícia, de 34 anos. A busca por e o encontro com a espiritualidade sempre foram muito marcantes na personalidade dela.

"A figura de Jesus Cristo foi essencial na minha formação, mas fui beber de outras culturas e tradições para maior conhecimento e experiências, de forma a me tornar uma pessoa mais ética, solidária e fraterna no contato com o outro", define Myriam, que hoje acredita numa espiritualidade "holística", na qual há um encontro com um mistério divino.

O palestrante e escritor Nicolas

Brito Sales, de 21 anos, herdou a religião evangélica professada pelos pais dele, ainda na infância. Nicolas faz visitas e encontros junto aos amigos de igreja e acredita que a fé é uma aliada poderosa para ter maior esperança, otimismo e amor ao próximo. "A minha mãe sempre me ensinou que Deus não é um homem sentado num trono, mas uma energia



positiva”, relata.

A jornalista e escritora Selma Sueli Silva, de 56 anos, é membro da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma organização não-governamental de praticantes do budismo de Nichiren Daishonin. “O Buda Nichiren disse que qualquer pessoa pode se iluminar [atingir um estado de sabedoria em que não é guiada pelas circunstâncias] do jeito que ela é”, revela a comunicadora.

Selma aponta que o budismo é delimitado pela “fé, prática e estudo” e que se sentiu atraída pelo pertencimento a uma associação aberta à diversidade, que “prima pela dignidade da vida e uma sociedade mais humanizada, por meio da Paz, Cultura e Educação”.

Autistas ateus

Frequentemente mal vistos por segmentos religiosos, os ateus são um grupo social que nunca alcançou hegemonia no país. Na dinâmica familiar, autistas ateus vivem experiências diversas. Aos 33 anos, a gestora de marketing Débora Brandão sente segurança em dizer que é atea, mas passou por maus bocados em família. “A minha família é bem católica, praticante mesmo, e foi bem difícil”, diz ela.

Para Débora, que chegou a fazer catequese e primeira comunhão, os questionamentos começaram na infância, cresceram na adolescência, e o processo, de forma geral, foi doloroso. Marcos Camargo, de 36 anos, também do interior de São Paulo, chegou a frequentar algumas igrejas até ter certeza de seu ateísmo.

“Eu não sei se isso é assim pra outros autistas, mas pra mim era muito complicado. Não só a ideia de Deus, mas de espíritos era muito abstrato, era um negócio muito de outro mundo assim que não entrava na minha cabeça de jeito nenhum”, destaca Marcos.

O designer Fábio Sousa, de 37 anos, e conhecido nas redes como “tio .faso”, também passou por dificuldades parecidas com o pensamento concreto, mas é cauteloso com comparações. “Geralmente se você vê um autista que gosta de ciência,

que tem todo esse pensamento racional, há uma grande tendência dele ser ateu, mas isso não é regra. Toda regra que tentam aplicar pra gente não funciona”, afirmou. Débora e Fábio disseram que nunca foram discriminados em interações com outros autistas por não serem religiosos.

Famílias atípicas na igreja

A jornalista Ana Paula Porto é mãe solo e tem três filhos, sendo duas autistas gêmeas, chamadas Nanda e Duda. Membro da Igreja Batista Nova Jerusalém, na zona



Ana Paula Porto:
mãe de 3, sendo
2 gêmeas autistas.

“Eu não sei

se isso é assim

para outros au-

tistas, mas para

mim era muito

complicado”



Marcos Camargo: interior de São Paulo.





norte do Rio de Janeiro, afirma que nunca passou por grandes problemas no templo. “Na minha igreja tem um departamento infantil e elas ficam bem. Só que quando não tem a escolinha e elas precisam ficar comigo, ficam incomodadas por causa do barulho”, conta.

Cláudia Moraes é mãe de Gabriel Pereira, autista de 32 anos, também diagnosticado com epilepsia, Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e distúrbios do sono. Após uma trajetória católica, eles se encontraram no espiritismo. “Nunca me senti excluída do espiritismo, da nossa casa [espírita]. Todo mundo ama o Gabriel, sempre foi muito bem tratado. Mas é muito difícil encontrar projetos para autistas adultos”, frisa.

Projetos sociais

Tatiana Ksenhuk é evangélica e tem quatro filhos, dois deles autistas. A experiência com o autismo a levou a desenvolver projetos para a inclusão de pessoas com deficiência e suas famílias nas igrejas de que fez parte na última década. Atualmente, ela atua na Igreja Batista Memorial de Alphaville, em Barueri.

Dentre as atividades desenvolvidas, Tatiana mantém um grupo de mães de autistas que, antes da pandemia, se reunia presencialmente. Além disso, a igreja mantém voluntários para acompanhar crianças autistas e também possui uma

sala sensorial. “A igreja tem que estar preparada para receber essas crianças e suas famílias”, argumenta.

O psiquiatra Caio Abujadi trabalha com autismo há 15 anos. Ele é um dos fundadores da Associação “Caminho Azul”, que tem como objetivo dar assistência a famílias carentes, além de centralizar e difundir as informações sobre a temática no Brasil, por meio do suporte a outras entidades. “A maioria das associações é composta por pais, não por pessoas técnicas. Eles precisam entender o que é palpável cientificamente”, observa.

Uma das características da “Caminho Azul” é valorizar a religiosidade, tanto no caráter filantrópico quanto no que tange ao cultivo de valores como acolhimento, respeito e esperança. “Se você segregar alguma religião, você automaticamente não está sendo religioso. O que há em comum em todas as religiões são as virtudes que você precisa desenvolver para ser um bom praticante, e a gente precisa trazer isso para o mundo do autismo, no sentido de que as pessoas se desenvolvem melhor em um ambiente harmônico”, pontua Caio. No atual cenário de pandemia e isolamento social, a “Caminho Azul” lançou uma série de vídeos no YouTube chamada “Esperança” (link na versão online). “São vídeos educacionais sequenciados para ajudar em nossa transformação pessoal por meio de raciocínios de todas as religiões, apoiados na Ciência”, conta Caio Abujadi.✚



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.

**CONTEÚDO
EXTRA ONLINE**Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.

POR MENINO AUTISTA, MAURICIO DE SOUSA PARTICIPA DE AULA EM ESCOLA PÚBLICA



Em aula online no Dia do Profissional de Educação, participação especial foi motivada pelo hiperfoco de um aluno autista pela Turma da Mônica

Já pensou se, quando os estudantes lessem um texto da Turma da Mônica na escola, o próprio Mauricio de Sousa pudesse aparecer na sala de aula para tirar todas as dúvidas dos alunos? Pois foi isso o que aconteceu na EMEB “Dr. Vicente Zammite Mammama”, escola pública de São Bernardo do Campo (SP), na tarde da quinta-feira, 6 de agosto de 2020, Dia do Profissional da Educação. E o motivo — além de homenagear todos os professores e demais profissionais da área em todo o país — foi o hiperfoco de um aluno com autismo, Lorenzo Mello, pelos gibis da Turma da Mônica. No 2º ano C, a professora Vânia Aparecida Barbosa sempre pede para os alunos levarem textos e lerem para toda a classe. Lorenzo, de 7 anos, sempre levava um gibi da turminha para ler uma história para os colegas. Percebendo esse grande interesse do menino, a professora começou a buscar e produzir material didático usando a Turma da Mônica como tema, aumentando, dessa forma, o engajamento do aluno com autismo nas tarefas. E por que não chamar o próprio Mauricio de Sousa para uma aula? Foi o que aconteceu,



o pai da turminha apareceu na aula online e deixou todos os alunos extremamente eufóricos, ainda mais Lorenzo, fã do Cebolinha e do Franjinha. A primeira coisa que o garoto quis saber foi: “Por que o Cebolinha cria seus ‘planos infalíveis’?”, imediatamente respondido por Mauricio, com muito bom humor. Foi uma aula online, como tem acontecido durante a pandemia de Covid-19, reunindo duas classes, “os 2ºs. anos B e C”, com as professoras Vânia e Angélica R. A. Moderoso. E, de repente, quem estava lá? O próprio Mauricio, que pacientemente respondeu todas as dúvidas da classe — desde o porquê de o Cascão não gostar de tomar banho, até a inspiração que o levou a criar diversos de seus personagens. As perguntas foram tantas que a criançada até convenceu Mauricio a buscar seu cachorro, Bidu (o da vida real), para mostrar a todos. Com toda paciência e carinho, o mais importante desenhista do país apareceu com o cãozinho no colo, para delírio da molecada.

Diagnóstico aos 3 anos

Lorenzo foi diagnosticado com autismo aos 3 anos de idade, numa suspeita que surgiu oito meses antes. “O Lorenzo sempre gostou da Turma da Mônica, mas esse laço se estreitou ainda mais depois que ele foi alfabetizado, no ano passado. A leitura aproximou-o muito mais. Embora a gente sempre o incentive, para que ele explore outros gêneros, o que ele ama mesmo são os quadrinhos da Turma”, lembrou Thays





As crianças “fizeram” Mauricio mostrar o Bidu da vida real.



O pai da Turma: de longe, mas bem perto da criançada

Mello, mãe do Lorenzo. “É muito gratificante saber que a professora Vânia fez questão de dar aula pro meu filho”, agradeceu o pai, Celso Mello. Na escola, Lorenzo é um dos melhores de língua portuguesa e leitura, e tem mais dificuldades em matemática. “A gente busca caminhos para encontrar o Lorenzo nessa estrada e trazê-lo para a aprendizagem, pois ele é bem esperto. Mas precisamos do foco, e a Turma da Mônica ajuda muito o Lorenzo nisso”, explicou a professora Vânia.

Para o filho não ficar tão ansioso, os pais guardaram segredo sobre a participação especial na aula. “Se eu contasse, ele nem dormiria de tanta ansiedade”, contou a mãe. Para o “plano infalível” da professora dar certo, nenhum aluno podia saber que o pai da Mônica participaria da aula. “Foi uma surpresa para todos!”, revelou a professora. A ideia, porém, veio de fora da classe: “Graças à minha filha, que teve a ideia e fez contato com Mauricio de Sousa, foi possível vivenciarmos esse dia inesquecível na nossa escola, ainda que online”, comemorou Vânia.

Uma curiosidade: a escola tem o apelido carinhoso de “Cebolinha”, porque foi o nome escolhido, há muitos anos, pelos alunos mais novos, para o time, durante a realização dos jogos escolares.

A convite de Mauricio de Sousa, a Revista Autismo participou da aula online. Em toda edição da Revista Autismo é publicada uma história em quadrinhos exclusiva com o André, o personagem autista da Turma da Mônica — graças à parceria com o Instituto Mauricio de Sousa —, com o objetivo de explicar, de maneira lúdica, aspectos do autismo, como o próprio hiperfoco, e incluí-lo nas histórias da turminha. As HQs estão disponíveis na versão impressa, de distribuição gratuita, e também na edição online, no site RevistaAutismo.com.br. 📖

MAIS TARDE...



Autismo Legal



Carla Bertin

além de mãe de um garoto autista, é contabilista, advogada, pós-graduanda em intervenções precoces no autismo e inclusão e direitos da pessoa com deficiência, blogueira, palestrante e idealizou, juntamente com seu marido, José Carlos, o projeto Autismo Legal.

 autismolegal
 @autismolegal
 autismolegal
 www.autismolegal.com.br



QUAL A NOVA POSSIBILIDADE DE SE ENQUADRAR NOS CRITÉRIOS DO BPC/LOAS

Milhares de pessoas ainda estão na fila para receber o BPC/LOAS do INSS.

Na edição número 9 da Revista Autismo, já informamos que a exigência de ter renda per capita de meio salário mínimo foi suspensa até 31 de dezembro deste ano.

Hoje temos um assunto muito importante e que a maioria não sabe: existe a possibilidade de pessoas com renda acima do limite atual de $\frac{1}{4}$ do salário mínimo (R\$ 261,25) terem direito ao BPC/LOAS.

A Portaria 374 de 5.maio.2020, do Ministério da Economia, estabeleceu que, para pedidos de BPC/LOAS feitos a partir de 2.abril.2020, "os valores recebidos por componentes do grupo familiar, idoso, acima de 65 (sessenta e cinco) anos de idade, ou pessoa com deficiência, de BPC/LOAS ou de benefício previdenciário de até um salário-mínimo, ficam excluídos da aferição da renda familiar mensal per capita para fins de análise do direito ao BPC/LOAS". O ponto essencial é que essa regra é somente para quem solicitou o BPC/LOAS a partir de 02.abril.2020. Mas há uma possibilidade que pode ser interessante para algumas pessoas: se você solicitou o BPC/LOAS antes de 02.abril.2020 e quer se enquadrar nessa nova possibilidade, é só fazer a reafirmação da Data de Entrada do Requerimento – DER, com a data de 02.abril.2020.

Você estará pedindo ao INSS que despreze os períodos anteriores a 02.abril.2020 e considere que você deu entrada a partir

desta data.

A desvantagem desse pedido é que você perde o valor acumulado desde quando agendou a solicitação do benefício. A vantagem é que se você tem uma renda acima do limite de $\frac{1}{4}$ do salário mínimo, não tem renda dedutível da base de cálculo e, sendo a renda dos membros da família de até um salário mínimo, você pode se enquadrar no limite de renda do benefício e, portanto, receber o BPC/LOAS. Para solicitar a reafirmação do DER, você precisa ligar para o 135 ou anexar o pedido no MEU INSS.

Pode parecer difícil, mas no nosso site (veja o link abaixo) colocamos um modelo do pedido para baixar gratuitamente e exemplos para que vocês consigam entender melhor..

De acordo com a Lei 8742/1993, § 1º do artigo 20, o grupo familiar é composto pelo cônjuge ou companheiro, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto. <https://blog.autismolegal.com.br/beneficio-inss-loas-autismo/>



é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA, e ativista internacional pela causa do autismo

✉ autimates@gmail.com

🌐 www.autimates.com

f Autimates

📷 @fatimadekwant



CONTEÚDO
EXTRA ONLINE

Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.



S em dúvida, um dos maiores desafios para quem convive com uma pessoa autista – e para a própria pessoa autista é o comportamento agressivo que muitas apresentam, temporária ou continuamente. A análise de um tema tão amplo, requer uma rápida busca no seu significado.

Um pouco de história

Freud desenvolveu sua Teoria da Agressão como um impulso constitucional nato, inerente ao homem, que pode ser controlado pelo ambiente e pela socialização. Já Geuk Schuur disse que agressão é uma interação entre o homem e o ambiente no qual vive, resultado da insatisfação do homem com as circunstâncias. Estas tanto podem ser uma resistência a regras e normas estipuladas como o resultado de uma ausência de competências sociais.

Por último, Hansen disse que não é a insatisfação, mas

AUTISMO E AGRESSÃO

Um comportamento que não pode ser tolerado

o medo, a base da agressão, a que prefere chamar de “problema de comportamento”.

Seja como for, a agressão é um grande desafio que acompanha os autistas que deve ter sua causa identificada e definida como comportamento preocupante, além de prejudicial para a pessoa autista e seu meio ambiente. No caso, é preciso saber com que frequência, tempo de duração e intensidade o comportamento agressivo do autista ocorre.

Os quatro tipos de agressão

Van der Ploeg define a agressão, que pode ser ou não intencional, como comportamento que viola regras formais ou informais. Ele a classificou em quatro tipos:

1 - Agressão física

Uma expressão óbvia de agressão, com uso de força física para atingir outra pessoa. Chutar, bater, arranhar, cuspir, agarrar são alguns exemplos.

2 - Agressão relacional

Também descrita como agressão social. Significa dano proposital através de manipulação, e dano de relações pessoais. Fofocas, boatos mentirosos sobre pessoas,

subjugação, pressurização, e ignorar o outro (não reconhecimento de) são modos como essa forma de agressão é usada.

3 - Agressão reativa

Essa forma de agressão é externada quando existe uma situação ameaçadora ou frustrante. Essa expressão agressiva tanto pode ser verbal quanto física. Comportamentos de agressão reativa podem ser a não aceitação de contradição, uma reação ao bullying, a algo que foi retirado (tomado) da pessoa, ou um toque inesperado.

4 - Agressão proativa

Quando a agressão é usada para conseguir algum resultado calculado. Também conhecida como agressão instrumental. Tanto pode ser física quanto verbal. A intenção é a de dominar o outro. Para conseguir os fins desejados, este tipo de agressor pode fazer uso de provocação, bullying ou ameaça.

Agressão no autismo

A agressão não é inerente ao autismo, e sim a todo ser humano. Um dos nossos instintos básicos, com a reação de “fugir, lutar ou congelar”. No caso, o de evitar a agressão, saindo de perto do que/quem lhe agride; encarar a



agressão, reagindo igualmente de modo agressivo; não reagir, tampouco fugir (passivo).

A complexidade do autismo torna tudo à sua volta igualmente complexo, assim como a expressão da sua agressão – quando ela existe, pois nem toda pessoa autista demonstra agressão. Seria lógico afirmar que o tipo de agressão mais comum no autismo é o descrito no item 2 acima: a agressão reativa. Isso porque os autistas reagem ao meio ambiente de acordo com sua percepção sensorial e pela percepção individual que têm do mundo. Sendo assim, qualquer situação e/ou pessoa que desafiasse suas percepções seria “punida” com um comportamento agressivo não intencional (defensivo).

No entanto, não podemos esquecer os fatores que também contribuem para a agressão da pessoa autista, que nem sempre são não-intencionais:

- Comorbidades como bipolaridade, narcisismo, Trastorno

Opositor Desafiador, Transtorno Múltiplo e Complexo do Desenvolvimento, Borderline, etc.

- Ausência de empatia (não necessariamente sintoma do autismo).
- Teoria da Mente prejudicada (dificuldade de entender ações, intenções ou necessidades de outras pessoas, o que diminui a compreensão da situação em seu todo).
- Déficit das Funções Executivas (perda do autocontrole das emoções) Meio ambiente – histórico familiar/ambiental de comportamento agressivo.

A agressão no autismo, em geral, tem ainda mais causas:

- Dores (dente, cabeça, barriga, menstruação, etc.)
- Transtorno do Processamento Sensorial (TPS) (toques, odores, ruídos inesperados, etc.)
- Problemas graves de comunicação (ausência da fala, e de expressão alternativa)
- Medo (o mais frequente)
- Problemas do sono (agitação noturna, estresse emocional resultando em falta de descanso físico).
- Imprevisibilidade da rotina (mudanças de rotina, viagens, falecimento, nascimento de um irmão, separação dos pais, etc.)
- Falta de segurança
- Falta de compreensão
- Libido, mudanças hormonais.
- Impotência emocional (sentir muita coisa ao mesmo tempo e não conseguir se expressar ou fazer compreender).
- Mudança de medicação ou tolerância à medicação regular.

O autista não é naturalmente agressivo. Cuidadores primários

(família) e secundários (professores e terapeutas) devem dar muita atenção ao problema para que a agressão não se instale como hábito de o autista evitar situações, pessoas ou momentos indesejados por ele.

Tratamento

O foco deve ser na identificação da agressão, tipo, causa e planejamento de atividades/terapias que eliminem esse comportamento. Dependendo do grau de autismo, sua funcionalidade, e nível de intelectualidade, pode-se fazer uso de diversas terapias direcionadas para o indivíduo, considerando seu tipo de autismo, seus gostos e preferências. Sendo assim, faz-se uso (ou não) de tabelas estruturadas, histórias sociais, Terapia cognitivo-comportamental, atividades esportivas, medicação, e demais orientações que irão depender do que for definido pelo especialista em autismo.

Lembre-se, a agressão é um comportamento; um comportamento que não pode ser tolerado, que deve ser encarado com muita seriedade por todos que zelam pelo bem-estar da criança, adolescente, ou adulto com TEA. 🌸



Introvertendo



Otavio Crosara

é estudante de medicina pela UFC,
diagnosticado com TEA aos 21 anos e
cofundador do podcast Introvertendo.

f autismolegal
@autismolegal
autismolegal
www.autismolegal.com.br

O PONTO
DE CORTE

P

ara aqueles que não sabem, em 2003, foi aprovado o projeto de lei nº 10.690/03, que alterou a redação da lei nº 8.989/95, para que pessoas dentro do espectro obtivessem direito à isenção da cobrança de Impostos sobre Produtos Industrializados (IPI) na compra de carros populares. Tratando-se de uma ação afirmativa ou de inclusão social, esta isenção poderia reduzir o custo da aquisição do veículo em até 15% do valor de compra. Em 2012, foi aprovado o projeto de lei nº 12.764/12, cujo texto estabelece que “a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais”. Esta equiparação legal lhe garante o direito a outras isenções em impostos estaduais para a compra de veículos. No final, a compra de carros populares pode chegar a ter o valor reduzido em até 25% em certos casos, o que, convenhamos, viria a ser uma “mão na roda”.

Foquemos a atenção agora em janeiro de 2020, antes do Estado de Emergência contra o Coronavírus. O carro da minha família já tem 3 anos e estamos discutindo se o trocamos por um novo, ou se continuamos com o antigo. Fico sabendo que, pela lei, eu tenho o direito à isenção de ICMS (imposto estadual), além do IPI, e a opção de troca do carro se torna bem mais

atraente. Neste momento, entretanto, eu e minha família nos sentimos enfrentando um dilema ético: apesar de eu possuir o diagnóstico, nenhum de nós acha que eu necessite de ações afirmativas: eu estou na faculdade prestes a me formar e consigo ser funcionalmente social de forma altamente satisfatória. Há outras pessoas para quem esse tipo de ação faria uma maior diferença. Entretanto, considerando que já passei por situações bem difíceis e debilitantes justamente por estar dentro do espectro, concordamos todos que não seria antiético receber o benefício.

Para que ocorra a isenção do imposto, é necessário que o usuário entre no site do Sistema de Concessão Eletrônica de Isenção de IPI/IOF, ou SISEN, e submeta o pedido, obedecendo a todas as condições ali requisitadas: identificação do beneficiário, apresentação do laudo no formato requerido pela Receita Federal, CPF de outros motoristas autorizados a dirigir o veículo em questão. Eu submeto o pedido e, dias depois, recebo a resposta: todas as informações dadas por mim foram validadas, e minha condição foi reconhecida pela Receita Federal. Entretanto, meu processo foi indeferido, segundo o seguinte argumento: eu já possuo uma carteira de motorista, logo, aos olhos da Receita Federal, eu



não estou apto a receber o benefício, pois não apresento a “necessidade especial” necessária. Naquele momento, em que li esta resposta, veio à minha cabeça uma frase do comediante britânico James Acaster: “Eu nunca me senti tão ofendido por algo com o qual eu concordo cem por cento”.

Após este evento, me bateu uma dúvida: até que ponto uma pessoa com autismo necessita de ações afirmativas, e até que ponto elas são realmente eficazes? Visto que o Transtorno do Espectro Autista é justamente um espectro, há tanto pessoas com um declínio de qualidade de vida mínimo e capacidade funcional praticamente preservada, quanto pessoas em grau altamente severo. Este último grupo obviamente necessita deste incentivo, mas e o outro? Um autista brando que leva uma vida comum sem necessidade de adaptações realmente precisa deste tipo de ajuda?

Muitos de nós precisamos, ou convivemos com pessoas que necessitam (ou necessitaram), de ações de inclusão para que não deixassem de atingir o seu potencial, tais como as ações de inclusão escolar, e esta é uma política pública que não merece quaisquer desconfiças. Em um Estado Democrático de Direito, uma pessoa tem a prerrogativa de obter todas as ferramentas necessárias para que atinja o seu potencial pessoal, profissional e civil. Uma pessoa com autismo possui direito a um limite maior permitido para o número de sessões de terapia, medicação específica gratuita (incluindo a de alto custo), transporte escolar ou acompanhamento pessoal na escola, professor auxiliar, Benefício de Prestação Continuada (BPC) para autistas de baixa renda, entre muitos

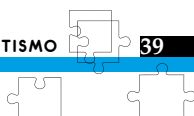
outros. Todos estes benefícios e incentivos são muito válidos e necessários. Mas e quanto aos que não necessitam de algum destes benefícios ou mesmo de nenhum destes? Qual é o ponto de corte correto? Também em um Estado Democrático de Direito, os recursos públicos devem ser utilizados de forma racional e eficiente.

Em 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens, ou CIDID. Desde então, esta classificação foi revisada em 1993 (CIDID-2) e, em 2001, substituída pela Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, ou CIF. Esta classificação permite uma avaliação funcional e sistemática do indivíduo, avaliando até que ponto estão intactas suas funções físicas e cognitivas, sua capacidade de participar em atividades individuais ou coletivas, sua capacidade de adaptação diante da severidade de sua necessidade especial e de certos fatores de risco ambientais, entre outros aspectos. O uso desta ferramenta para o planejamento e execução de políticas públicas para pessoas com autismo permitiria uma aplicação muito mais eficiente dos recursos públicos, não só para a inclusão de pessoas com autismo, mas também para a inclusão de pessoas com quaisquer deficiências, pois classificaria as necessidades especiais em graus de funcionalidade e permitiria ações mais bem mensuradas.

Já havendo, há 40 anos, um instrumento que permita a execução de políticas públicas de inclusão com um caráter mais qualitativo, fica a dúvida: por que a legislação brasileira ainda não faz uso deste instrumento como o faz com

a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, mais conhecido como “Código Internacional de Doenças” (CID)? Infelizmente, a resposta para essa pergunta é: burocracia. A OMS possui o que é chamada de “Família de Classificações Internacionais”, que tem como classificações de referência o Código Internacional de Doenças (CID-10), a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), e a Classificação Internacional de Intervenções de Saúde (CIIS). Entretanto, destes, apenas o CID-10 é largamente utilizado, visto o seu caráter codificante e seu histórico, uma vez que ele existe desde o século 19. Já a CIF tem apenas 19 anos, e a CIIS ainda está em fase de desenvolvimento. O ato legislativo e administrativo na esfera pública é algo demorado e não costuma progredir até que todas as circunstâncias estejam solidamente conhecidas, sendo que a aplicação da CIF necessitaria de adaptação para a realidade brasileira e avaliação dos resultados, o que pode levar anos. Além do que, a CIF avalia necessidades especiais em todos os contextos, e não apenas no contexto do autismo. Disso, pode-se inferir que a aplicação do instrumento na esfera pública, em âmbito legislativo e executivo, implicaria em uma revisão de todos os atos públicos referentes a necessidades especiais, o que levaria bastante tempo.

A sociedade deve cobrar constantemente melhorias como essa, o que também é essencial em um Estado Democrático de Direito. Até lá, ajamos conforme nossa consciência mandar. 🌟





CONTEÚDO
EXTRA ONLINE

Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.

2º HACKATHON AUTISMO TECH



Vencedores
trouxeram
inovação
e ousadia
nas ideias

O segundo Hackathon Autismo Tech, realizado de 21 de agosto a 5 de setembro último, teve mais de 600 inscrições e 96 participantes selecionados, sendo 42% autistas. Hackathon é uma

competição por equipes muito comum na área de tecnologia, com objetivo de desenvolver algo com trabalho intensivo em poucos dias.

Sucesso de participação e qualidade, estes foram os vencedores:



1º



Trata-se de um fone de cancelamento ativo de ruídos por condução óssea que utiliza recursos de Inteligência Artificial e geolocalização. Tal tecnologia é capaz de mitigar os efeitos da hipersensibilidade auditiva em indivíduos com TEA, promovendo, assim, independência e qualidade de vida para os autistas no mercado de trabalho.

Grupo: AlexandrevNetto, Henrique Souza, João Eliandro Gomes, Júlia Denumar, Rubia Carolina e Thainá Ferreira



2º

abilitiex

A ideia é conectar autistas e empresas em uma jornada de contratação end-to-end online, cadastro personalizado em gamificação de restrições, habilidades, comorbidades, match por inteligência artificial ou match ao estilo tinder, entrevista via app (chat, vídeo, telefone), workflow acompanhando resultado de pesquisa e envio e upload de documentos para contratação via plataforma.

Grupo: Blanche Rangel, Douglas Calebe, Leonardo Sobral, Natália Moneda e Rafael Meira



3º Inclusão Humanizada

A Inclusão Humanizada busca conscientizar a população sobre o autismo por meio de uma seção de cursos e tira dúvidas anônimo. Além disso, também auxilia a contratação de pessoas dentro do espectro e fornece treinamentos e consultorias quanto à adaptabilidade do ambiente e acolhimento de um colaborador autista no ambiente de trabalho. Tudo isso feito com muito protagonismo, por pessoas dentro do espectro!

Grupo: Alex Krauss, Gladstone Alves, Kmylla Sousa, Lorraine Parrilla, Milena Yamamoto e Suzana Cardoso



Menção Honrosa

Watch.Aut tem o objetivo de proporcionar uma melhor experiência profissional para o autista, com o controle dos níveis de ruídos e luminosidade do local de trabalho, através de sensores instalados no ambiente. Alertando o funcionário sobre o risco de uma crise sensorial, o dispositivo também informa os coordenadores de RH e Gestão.

Grupo: Bruna Andrade, Marcelo Rouco, Nayama Pereira, Pedro Brocaldi, Ricardo Oliveira, Vitor Calari



A gente sempre leva o melhor para você

Nossa parceria continua!

Acreditamos na importância e necessidade da disseminação de informações sobre o tema **autismo** e, principalmente no momento em que estamos vivendo, contribuir para a distribuição gratuita dessa revista, reforça todo o nosso cuidado com os colaboradores, clientes, parceiros e com a sociedade em geral.

É uma grande satisfação fazer parte dessa ação!

WWW.JAMEF.COM.BR

 /JAMEFENCOMENDASURGENTES

 JAMEF ENCOMENDAS URGENTES

 /JAMEFTRANSPORTES

 @JAMEF_ENCOMENDAS_URGENTES



VICTOR MENDONÇA

é jornalista, escritor, apresentador e mestrando em comunicação social. Foi diagnosticado autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autor de seis livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

 @autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br



CONTEÚDO
EXTRA ONLINE

Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.

AMOR NO ESPECTRO

No autismo, a vida
real supera a ficção

A

mor no Espectro" é um delicioso reality show que retrata o autismo com bom humor e responsabilidade, além de conferir protagonismo às pessoas com essa condição. A série apresenta uma perspectiva quase completa dos relacionamentos entre autistas. O processo de flerte, as habilidades sociais, as questões de hiper ou hipossensibilidade sensorial, as expectativas individuais e familiares, as pressões sociais e visões sobre o amor, tudo isso é abordado na produção. A série é repleta de

detalhes no que se refere à linguagem corporal, reciprocidade, coordenação motora, hiperfoco e diferenças culturais. Há até uma leve discussão sobre racismo e xenofobia.

A série é uma grata surpresa da plataforma de streaming Netflix no que se refere à abordagem do tema. Afinal, se os meios de comunicação necessitam construir narrativas que tenham princípio, meio e fim bem delineados, a complexa rede de vivências que atravessa cada espectador pode abrir margem para uma série de percepções e questionamentos. Portanto, como cada autista é único, é sempre desafiador abordar as intrincadas

nuances do espectro em seriados. Haverá sempre abertura para novas discussões e, mesmo que não seja totalmente diferente com esse caso específico, há significativos diferenciais.

"Amor no Espectro" aproxima-se muito mais do que os pares fictícios (como "Atypical" e "The Good Doctor") da "missão impossível" que é sintetizar a heterogeneidade da condição autista. Esse resultado é, em grande medida, reflexo do próprio conceito documental da série. O formato permite que sejam selecionados personagens de personalidades, etnias e orientações sexuais diversas, agindo como eles mesmos, às vezes



TIAGO ABREU

Jornalista, autista, criador do
podcast *Introvertendo*

f /introvertendo
i @introvertendo
v Introvertendo
a introvertendo.com.br



com um desconforto natural das câmeras por perto. Isso permite uma boa noção do comportamento autista no cotidiano.

Percebe-se o cuidado dos produtores também ao trazerem uma visão científica atualizada. Isso não se restringe à presença de especialistas, mas também diz respeito a debates que surgem de maneira natural, como o subdiagnóstico em mulheres autistas. Olivia, jovem atriz diagnosticada aos 18 anos de idade como autista, é a principal personagem a suscitar essa discussão. Ela se apresenta com um jeito alegre e aparentemente extrovertido que camufla todo um “nervosismo” vindo dos desafios de interação social. Ela se destaca em meio a personagens cujas dificuldades e habilidades são bastante distintas e ora óbvias, ora sutis. A história de Mark, jovem com hiperfoco em paleontologia, também merece uma menção especial. Embora ele seja na superfície alguém bastante educado e sociável, o contato mais próximo com sua trama revela muitas dificuldades de variar os interesses e habilidades sociais.

Algumas cenas mostram-se constrangedoras ou desconfortáveis, bem como o sentimento de frustração e dor



contida, mas também há muita alegria no desenrolar dos capítulos. É certo que as relações amorosas são desafiadoras até para pessoas típicas. Entretanto, a série evidencia, sem estereótipos, o quanto uma rede de fatores, de naturezas diversas e por vezes quase imperceptíveis, tornam a busca e o envolvimento nesses relacionamentos ainda mais complexos para autistas.



Tiago e Victor são jornalistas, autistas e repórteres colaboradores da Revista Autismo. O estudo do CDC completo (em inglês) está disponível na versão online desta edição. ♣



COVID E NOSSOS MEDOS

Autismo Severo



Haydée Freire Jacques

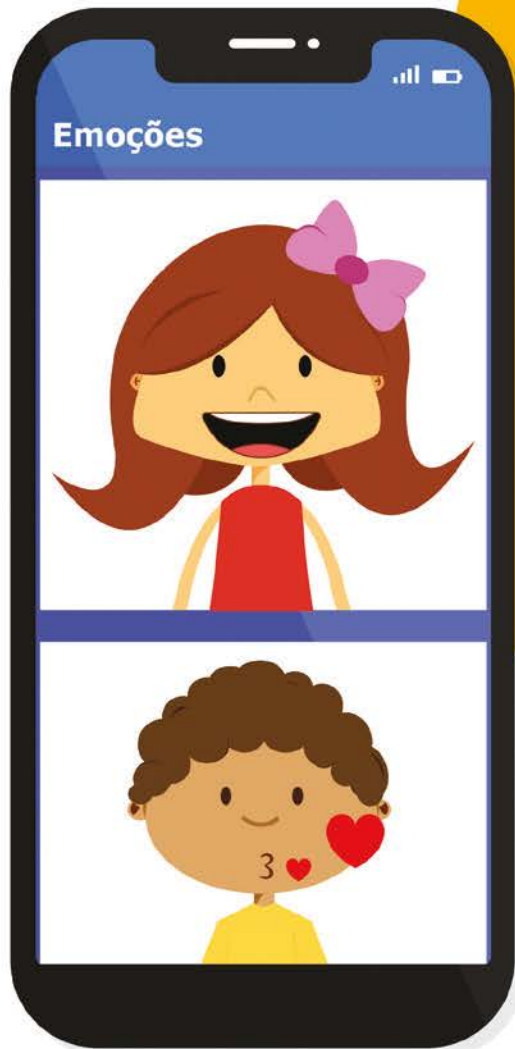
é casada e mãe de dois filhos, sendo o mais moço autista severo. Formou-se em odontologia, exerceu a profissão até 2006, quando decidiu dedicar-se integralmente ao filho.

Essa pandemia nos mostrou o quanto somos vulneráveis, desencadeando um saudável receio em todos. Normal, sabe-se muito pouco sobre o vírus e a doença que ele causa. Mas, para além desse medo comum a todos, nós que convivemos com pessoas dentro do espectro temos outros medos, profundos, que só nós mesmos sabemos quão difíceis são. A saber: ficamos apavorados, meu marido e eu, só em pensar numa eventual internação do Pedro. Meu filho tem 29 anos, é autista clássico, não verbal. Imaginem o que poderia acontecer, ele sozinho, passando mal, em local estranho, com pessoas estranhas. Vim a saber que existe uma legislação que assegura a presença de acompanhante para nossos filhos. Acredito “até por ali”, afinal estamos no Brasil. Por via das dúvidas, meu marido imprimiu um esquema, com todos os dados e informações sobre como proceder com o Pedro, de forma que ele coopere o máximo possível.

Outro medo “daqueles” foi encarar a quebra completa da rotina. Nossa! Da noite para o dia tudo o que era certeza deixou de existir. Se, para nós, os pais, essa interrupção causa grande estranheza, imagine para nossos filhos! Nesse quesito, reconheço, tenho uma certa sorte, pois meu filho é adulto e já trabalhou muito sua tolerância e resiliência ao longo destes vários anos em que o inesperado sempre dava o ar da graça. Solidarizo-me com todos os pais e cuidadores de crianças. É difícil administrar esse tipo de

situação com crianças. Além das dificuldades inerentes, existe o fato de ninguém saber até quando esse estado de coisas vai durar... E vamos inventando estratégias, inventando moda, e tentando driblar as crises. Estresse e cansaço são companheiros fiéis. Dias tumultuados e noites mal dormidas. Exaustivo.

Confesso que fiquei muito apreensiva, sem saber bem o que fazer. Como já era de se esperar, meu rapaz acabou me surpreendendo! Não estamos num mar de rosas, Pedro está um pouco instável, emocionalmente carente, é compreensível. Fizemos pequenas alterações na dinâmica da casa, e vamos sobrevivendo. No entanto, o que mais me encantou foi que, com essas horas todas tão próximas, com os trabalhos de casa e com a necessidade de ocupar meu filho, percebi que ele vem se tornando um ajudante de primeira mão! E o que é mais importante, tem se mostrado bem determinado, tomando a iniciativa de várias pequenas tarefas. Não vou dizer que essa pandemia é boa, mas, como em tudo, encontramos um lado positivo!



Dê voz a quem você

AMA!

Conheça o app de comunicação alternativa **MATRAQUINHA!**

A comunicação da criança é feita através de cartões e que, ao serem clicados, fazem com que uma voz reproduza o que a criança deseja transmitir.

Disponível



MATRAQUINHA

Ficha Técnica

Título original: El Faro de Las Orcas

Diretor: Gerardo Olivares

Ano/País: 2016/Espanha-Argentina

Duração: 1h 50min

Elenco: Maribel Verdú, Joaquín

Furriel, Joaquín Rapalini

Distribuidora: Netflix



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code que está
no índice desta edição
para ir ao site.

Uma sensação de
que os grandes
problemas do mundo
importarão menos do
que o aprendizado e
crescimento pessoal
de cada um de nós.

FAROL DAS ORCAS

“Há pessoas que se irritam com aquilo que não entendem, e outras que não querem entender o que as irrita.” A frase dita por Beto se refere ao conflito de seu supervisor por seus métodos de se aproximar e interagir com orcas, mas claramente pretende proporcionar uma dupla interpretação que se aplica também ao espectro autista.

Farol das Orcas conta a história real de Roberto Bubas, um biólogo que trabalhava em uma praia da Patagônia, no sul da Argentina, se dedicando ao estudo de orcas que desenvolveram uma técnica especial de caça não vista em nenhum outro lugar do mundo, avançando até a areia para pegar sua presa. Um dia, uma mulher aparece na frente de sua cabana: Lola, e seu filho Tristán, ambos vindos da Espanha. Tristán possui autismo, mas a conexão que ele demonstrou com as orcas ao assistir um documentário da National Geographic sobre Beto fez com que Lola o levasse até a Patagônia para tentar um tipo de terapia experimental, similar às feitas utilizando golfinhos.

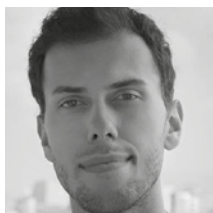
O filme toma liberdades em relação à história na qual se baseia: Agustín, o garoto autista que inspirou o personagem de Tristán,

também era surdo, um elemento que o filme decidiu descartar. Outra mudança envolve a dinâmica familiar: os pais de Agustín na vida real o levaram juntos para a Patagônia, mas no filme, Lola é separada do marido, que abandonou a família. É possível ver essa mudança na adaptação da história como uma forma de também retratar um fator muito recorrente da quebra familiar que costuma acontecer neste tipo de situação. Porém, também pode ser visto apenas como uma desculpa para o filme introduzir um romance entre os personagens de Beto e Lola.

Isso não é necessariamente uma crítica negativa ao conteúdo do filme, pois a história é contada com uma sinceridade e pureza emocional muito cativante. Somente dois elementos na história podem incomodar: o personagem Bonetti, supervisor de Beto, que é escrito de forma completamente unidimensional, sendo apenas desagradável ao longo de todo o filme; e um incidente que ele causa durante o terceiro ato que é um recurso barato e preguiçoso de roteiro. Quando dois personagens que já estão com um vínculo estabelecido passam por um desentendimento simples que poderia ser facilmente resolvido

com uma conversa, ao invés disso, brigam e se afastam. Felizmente, esse ponto da história não é arrasado por muito tempo na duração do filme, sendo brevemente resolvido duas cenas depois.

Dois pontos a serem elogiados e que contribuem muito para a qualidade da experiência proporcionada pelo filme são: a atuação de Quinchu Rapalini como Tristán, que na maioria das cenas consegue interpretar o papel com maestria - salvo alguns momentos em que a falta de contato visual chega a beirar o absurdo, mesmo para os padrões esperados do personagem - e a fotografia e cenário da praia, completamente vazia exceto pela cabana e farol onde Beto mora. Há uma paz de espírito que é proporcionada, e quando chegamos à culminação do laço entre Tristán e a natureza, a cena final que o filme apresenta é muito poderosa. Uma sensação de que os grandes conflitos e problemas do resto do mundo sempre vão importar menos do que o aprendizado e crescimento pessoal, e as conexões que cada um de nós consegue realizar. Um sentimento que, nos tempos atuais, é muito necessário. 🌊



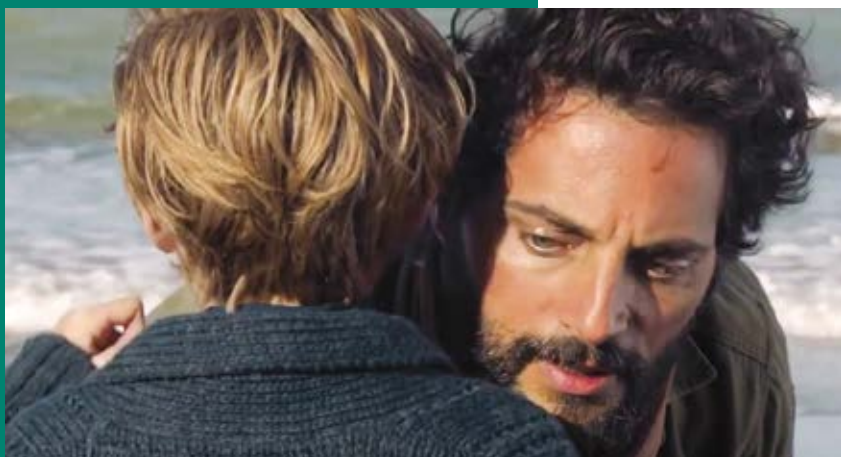
Diego Lomac

*é videomaker,
fotógrafo e editor
graduado em
Cinema, Rádio e TV
e irmão de Rafael,
autista de 23 anos.*

✉ diegolombomachado@gmail.com

📷 [@diegolomac](https://www.instagram.com/diegolomac)

Cena do filme "Farol das Orcas"



Instituto
UnTEA

Através de projetos
e iniciativas, o
UnITEA está unido
pelo autismo.

**JUNTE-SE A NÓS
NESTA CAMINHADA!**

☎ (54) 3538.0171

🌐 unitea.com.br

✉ contato@unitea.com.br

📞 (54) 99269.1651

Nos acompanhe nas
redes sociais

f [@institutounitea](https://www.facebook.com/institutounitea)

📷 [@institutounitea](https://www.instagram.com/institutounitea)

📺 UniTEA -
Unidos pelo Autismo

in [@unitea-autismo](https://www.linkedin.com/company/unitea-autismo)



RODRIGO TRAMONTE

Autista desenhista agora faz roteiros para a Turma da Mônica

R

Rodrigo Cardoso Tramonte nasceu em Florianópolis (SC), em 1980, onde reside atualmente. Formado em artes plásticas e pós-graduado em produção multimídia, hoje faz pós-graduação em inclusão e direitos da pessoa com deficiência.

Em outubro de 2019 — após um post da produtora Andrea Monteiro e ajuda do roteirista Paulo Back —, conseguiu uma reunião com Mauricio de Sousa, a quem pode mostrar seu trabalho artístico. Recentemente, passou a colaborar como roteirista da Mauricio de Sousa Produções (MSP). Um prêmio para quem, desde a infância, tem um hiperfoco na Turma da Mônica.

Diagnóstico tardio

Aos 30 anos, ele mesmo levantou a suspeita de que poderia estar no espectro do

autismo. Conseguiu uma avaliação neuropsicológica aos 31 anos, mas apenas aos 38 pode obter um laudo médico com diagnóstico de síndrome de Asperger — ou seja, está dentro do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) atualmente de acordo com o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais) e, a partir de 2022, também de acordo com o CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

“Desde criança percebo que sinto as coisas de uma forma diferente e sempre tive dificuldade para me relacionar com as pessoas. Sempre falei as coisas de forma nua e crua” contou ele referindo-se a sinais de autismo.

Artista completo, Rodri-



Página publicada nos gibis da Turma da Mônica: autismo + criatividade.



Capa do livro de Rodrigo Tramonte.

go é desenhista, cartunista, caricaturista, palestrante, roteirista e escritor — escreveu “Humor Azul: O Lado Engraçado do Autismo”, um livro de histórias em quadrinhos que conta situações engraçadas inspiradas em sua própria vida.



Rodrigo Tramonte

f /tramonteautista
i @tramontismo
a rodrigotramonte.com



Zé Azul: personagem criado por Rodrigo.

ANDRÉ RECADO



ROTEIRO: RODRIGO TRAMONTE / DESENHO: SIDNEI L. SALUSTRE
ARTE-FINAL: FERNANDO DALLE / LETRAS: CARLOS KINA



FIM

Historinha do André no gibi da Magali nº 65, com roteiro de Rodrigo Tramonte.

A sua empresa usa o potencial da

internet para lucrar?



Nós somos especialistas em Internet e podemos te ajudar a tirar proveito disso.

Dados de Associação Brasileira de Internet estimam que, em 2016, o faturamento conjunto de todas as empresas que atuam no segmento no Brasil foi de R\$ 139,61 bilhões.



www.hostnet.com.br

Liga
dos Autistas

Leo Akira

Leonard Ribeiro Jacinto é youtuber, tem diagnóstico de autismo e é professor de parkour em São Paulo (SP).

O PROCESSO
FÊNIX

Até pouco tempo atrás eu estava com uma vida consideravelmente estabilizada, emprego, amigos, afazeres em dia etc. Percebi com o tempo que a estabilidade não existe realmente. A todo momento existem grandes mudanças que podem transformar sua vida, tanto para o bem quanto para o mal, estamos sempre à mercê destas mudanças e temos que nos adaptar e nos reinventar sempre que elas aparecem. Eu chamo esta adaptação a momentos de crise de “processo fênix”.

Minhas aulas foram canceladas, meus alunos pediram para sair do curso, parei de receber, fiquei em casa, fui perdendo a chance de trabalhar e pagar contas, perdi a presença do meu filho, que tanto me motivava a me manter firme, e mais uma vez minha mente foi se enfraquecendo. Me considerava um peso.

Uma tarde, ao me deitar, senti que eu havia perdido a luta, meu corpo estava frio, eu via o mundo em cinza, minha mente só me mostrava imagens sombrias, me dando sempre idéias mirabolantes para acabar com minha vida. Eu estava mal, não podia perder o controle, então fiz o que podia no momento: desliguei o jornal que só repetia que estávamos perdidos e que tudo estava quebrando — economia, educação, saúde — no noticiário e também se quebrando dentro de mim.

Quando me levantei, enfrentando mais um dia, fui avisar as pessoas que não poderia fazer a live que eu havia prometido, pois não estava bem. Ao ligar a câmera, dois inscritos do canal entraram, depois oito, depois vinte. Quando vi havia 40 pessoas me aconselhando e me ajudando — elas estavam tão longe,

mas tão perto. Meu coração se aqueceu, eu chorei, chorei muito. Uma das pessoas que me assistiam avisou minha psicóloga que eu estava numa crise, ao vivo no Youtube. Ela me ligou e me confortou. Logo depois, meu pai, que mora a 4 horas de São Paulo, me ligou, e eu, que estava me sentindo tão sozinho, do nada estava cercado de amor e atenção.

No dia seguinte, falei com minha psicóloga, a tarde já falava com meu psiquiatra. Voltei a tomar antidepressivo e até remédio para dormir, mas sei que o que mais me ajudou foram as pessoas que me ouviram em uma live no youtube, pessoas que se preocuparam, pessoas que avisaram minha psicóloga, pessoas que avisaram meu pai, pessoas que estavam a milhares de quilômetros e simplesmente me disseram: “vai ficar tudo bem”.

E no outro dia lá estava eu novamente, no meu conhecido “processo fênix”, em que mais uma vez eu havia virado pó e após um doloroso processo eu renascia, mais forte e consciente de todos meus problemas e limitações. Assim consegui forças para continuar lidando com a depressão, acreditando que dias melhores sempre virão, só precisamos nos lembrar que nunca estamos sós, e pedir ajuda é sempre o melhor caminho para vencer qualquer batalha.



@liga.dos.autistas



A TISMOO está presenteando os leitores da Revista Autismo com **R\$840,00 (em desconto)*** no exame genético:

T-Exom®

Exoma Completo (WES)

- Sequencia aproximadamente 1% do genoma e compreende 85% das alterações genéticas relacionadas às doenças atualmente conhecidas;
- Padrão de qualidade com excelente cobertura de dados;
- Incluso uma consulta com nossos especialistas após a entrega do laudo para explicação dos resultados obtidos.

É a **OPORTUNIDADE** que você estava esperando para realizar o seu exame genético com a **TISMOO**. O crédito é gratuito, mas por **TEMPO LIMITADO***!

Para aproveitar seu crédito, basta você acessar o link: materiais.tismoo.us/promo-setembro e se cadastrar, inserindo o código **REVISTAVINTE20**, para iniciar agora mesmo sua jornada rumo à **medicina personalizada**.

*Crédito e valores de parcelamento válidos somente para as pessoas cadastradas no link e até 30/11/2020 às 23h59. Leia o regulamento completo na página do link de cadastro.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

LEIA O CÓDIGO AO LADO COM A CÂMERA DO SEU CELULAR E SAIBA MAIS

tismoo.com.br



tismoo

Tel. +55 11 3251-1964

 Cel. +55 11 95638-4178

Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba
a **Revista Autismo** no seu
endereço, pagando somente o frete.

REVISTA AUTISMO



Acesse

assine.RevistaAutismo.com.br